

TCC de Renato Brocchi, “Um Chá entre a Ciência e a Fé: Histórias de ayahuasca e de cura”

RESUMO: Este livro-reportagem traz histórias e relatos de pesquisas com ayahuasca, principalmente trabalhos que tentam ou tentaram explorar e/ou confirmar as possibilidades de uso do chá em tratamentos de depressão clínica e dependência química. O texto mescla relatos de trabalhos de pesquisadores de diferentes áreas, como a biomédica e a antropológica, para dar uma espécie de resumo jornalístico do ponto em que estavam algumas dessas incursões científicas até o segundo semestre de 2024. O livro também traz relatos de participantes de grupos ayahuasqueiros e discussões sobre o estatuto legal do chá de ayahuasca como forma de ambientar as pesquisas na realidade social presente.

PALAVRAS-CHAVES: “jornalismo científico”; “ayahuasca”; “chá de ayahuasca”; “*Banisteriopsis caapi*”; “estudos clínicos”; “psicologia”; “neurologia”; “antropologia”.

ABSTRACT: This book features stories on studies with ayahuasca, mainly those works that try or have tried to explore and ascertain how the infusion can be used in treatments against clinical depression and drug dependence. The text mixes accounts from researchers in different areas, such as biomedicine and anthropology, so as to give a sort of journalistic summary about the state of some of that research in the second half of 2024. The book also features some stories from members in ayahuasca groups and discussions about the legal status of the ayahuasca brew as a way of anchoring the research in our current social backdrop.

KEY-WORD: “scientific journalism”; “ayahuasca”; “ayahuasca brew”; “*Banisteriopsis caapi*”; “clinical studies”; “psychology”; “neurology”; “anthropology”.

RENATO BROCCHI

UM CHÁ ENTRE A CIÊNCIA E A FÉ: HISTÓRIAS DE AYAHUASCA E DE CURA

SUMÁRIO

Introdução - (p. 3)

Capítulo 1: Neurônios e mariri - (p. 9)

- *Psiquê*
- *Yagé*

Capítulo 2: Ressonâncias e a dimetiltriptamina - (p. 21)

- *Ribeirão Preto, Natal, e fMRI*
- *Duplamente cego e os saguis que bebem ayahuasca rondonense*
- *Saguis na pandemia, DMT da Jurema e dividir para conquistar*

Capítulo 3: Ayahuasca contra a adicção, o peso dos rituais, e outras viagens - (p. 37)

- *Universitários e álcool*
- *Plantas e cogumelos I*
- *Breve intermezzo com Bruno e Marcelo*
- *Plantas e cogumelos II*

Capítulo 4: Interconexão - (p. 52)

Conclusão - (p. 63)

Introdução

Em sua forma final aqui presente, o objetivo deste livro é contar histórias de pesquisadores que elegeram a ayahuasca como objeto de estudo —particularmente a partir do ponto de vista das ciências da saúde, nas pesquisas sobre os possíveis efeitos antidepressivos e anti-adicção— e entender um pouco como a substância aparece tanto em suas vidas profissionais quanto pessoais. Paralelos com outros usos da ayahuasca e relações com grupos ayahuasqueiros aparecem como uma das partes importantes do trabalho, particularmente nos capítulos 1 e 4.

Antes, entretanto, este trabalho havia começado como um projeto sobre pesquisas com psicodélicos para aplicações na área da saúde mental. De início, estava interessado em contar histórias de pesquisadores em suas relações com a “sociedade”, incluindo a esfera legal. O tema me parecia propício para esse tipo de exploração: drogas psicodélicas¹ têm, ao mesmo tempo, uma carga pesada na imaginação popular —seus efeitos, ou aquilo que as pessoas imaginam ser seus efeitos, e toda a cultura que as envolveu e envolve—, e um arcabouço jurídico e legislativo —as proibições, a guerra às drogas, as lutas pela descriminalização. Gostaria, então, de contar as histórias desses cientistas, e dessas pesquisas, de uma forma que tudo se costurasse a esse pano de fundo.

Em questão de forma, a ideia era montar um livro-reportagem que misturasse o jornalismo científico ao literário. Acreditava que isso permitiria tanto uma exploração dos desenvolvimentos mais recentes nas pesquisas, quanto das histórias pessoais dos envolvidos, sem me esquecer do invólucro social e cultural onde tudo isso ocorria.

Não que o jornalismo científico por si só não explore esse lado mais humano —na verdade o faz, e até frequentemente, como salienta Warren Burkett². Mas a ideia, inicialmente, era mesmo deixar a ciência um pouco de lado em partes do livro, para dar lugar a relatos pessoais dos envolvidos. Creio que o ímpeto de entrevistar frequentadores de grupos ayahuasqueiros que nada tinham a ver com as pesquisas acadêmicas tenha surgido daí, como um corolário mais ou menos natural dessa minha primeira disposição.

De saída, meu objetivo era criar uma espécie de “feixe de perfis” desses pesquisadores que transitasse entre o jornalismo científico e o literário, criando tanto uma possibilidade de

¹ O Capítulo 1 trata de uma definição de psicodélicos.

² BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

explorar histórias pessoais quanto de contar um pouco sobre o estado da arte da pesquisa com psicodélicos no Brasil.

Nessas incursões iniciais, foi-me útil pensar em na definição de livro-reportagem de Edvaldo Pereira Lima³, ao pensar em maneiras de contar uma história sem que houvesse um evento nuclear específico, definidor e limitante. A ideia em que tentei me ancorar foi a de um entrelaçamento mais fluido das histórias que consegui coletar, tentando construir um mosaico que, ao mesmo tempo, contasse algo das pesquisas mais recentes no campo, e revelasse um pouco de como os próprios pesquisadores viam seu (ou seus) objetos de estudo. Queria que meu livro-reportagem permitisse uma exploração mais ampla dum tema candente hoje, mas que também pudesse dar algumas pistas e indicações de possíveis desdobramentos no amanhã.

Depois dessas elucubrações, definições e indefinições iniciais, a ayahuasca surgiu, primeiro, como principal psicodélico do qual trataria —todas as minhas pesquisas indicavam que ela ocupava um lugar proeminente, ou até a primeira posição, quando a questão é quantidade de estudos com um psicodélico por pesquisadores brasileiros. Por questões que exploro um pouco mais a fundo nos capítulos que seguem, a ayahuasca tem um lugar especial nas pesquisas brasileiras, e, de certa forma, diferenciam os estudos brasileiros com psicodélicos dos do resto do mundo.

Parecia-me, então, que deveria montar um livro que traria a ayahuasca para o centro, mas que tratasse ainda de outros psicodélicos cujas pesquisas seguissem mais ou menos a mesma toada. Creio que a presença de pesquisa com cogumelos, à cura de Renato Filev, exposta no Capítulo 3, seja, de certa forma, um resquício dessas primeiras inclinações. Aqui, entretanto, ela aparece atrelada à pesquisa com ayahuasca.

Isso porque, após as primeiras entrevistas, ficou-me mais claro que não havia um motivo real para que eu insistisse em contar histórias de outras pesquisas que poderiam competir tematicamente. Até tentei elaborar um plano de trabalho sob a categoria de *enteógenos* —ou seja, procurar contar histórias de pesquisas que tratam de substâncias com algum significado ou interpretação religiosa, como a própria ayahuasca. Mas, no fim, me pareceu mais natural —e mais seguro, dum ponto de vista de consistência narrativa— me ater a pesquisas sobre ayahuasca, particularmente aquelas que envolvem explorações sobre as supostas capacidades terapêuticas do chá no mundo da saúde mental.

³ Particularmente as ideias expressas em LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

A pergunta que norteou meu trabalho, ao menos neste momento no início do segundo semestre de 2024, foi, então: “Quais as aproximações e os distanciamentos (de opiniões, visões sobre a ayahuasca etc) entre pesquisadores da psiquiatria que trabalham com ayahuasca e o entorno social (usuários, religiosos, indígenas que usam-na como tratamento tradicional) no qual essa substância se insere?”. As pesquisas e a redação do livro, entretanto, me mostraram que ao menos parte dessa questão partia de um equívoco; em certo sentido, perceber esse equívoco foi uma das grandes descobertas de todo o processo.

Meu erro, creio, foi ter estabelecido, de partida, uma diferença entre pesquisadores e sociedade ayahuasqueira, sem me dar conta que esses acadêmicos, em diversos casos, têm ou tiveram envolvimento direto e pessoal em grupos em que se bebe ayahuasca, e poderiam falar na condição, também, de pessoas que fazem parte desse “entorno social”. Estão, portanto, dos dois lados dessa equação —o que tornava minha dicotomia original pouco útil.

Também limites temporais e materiais mostraram as caras nesse primeiro momento da pesquisa, evidenciando ainda mais que meus objetivos talvez não fossem plenamente alcançáveis. O universo ayahuasqueiro é muito amplo, e um mergulho em toda a gama de opiniões e pontos de vista que há nele me requereriam tempo e preparo teórico que eu não tinha.

Foi então que cheguei à forma final do livro: o uso das histórias de pesquisas como eixo organizador que me permitiu também falar, mesmo que paralelamente, sobre outros usos da ayahuasca pelos grupos religiosos (ou os conhecidos como “neo-xamânicos”).

Tentei seguir um parâmetro mínimo para as entrevistas —talvez o principal ponto de recorrência tenha sido perguntar, de alguma forma, qual a relação, mesmo prévia, do entrevistado com a ayahuasca. Como espero deixar mais claro ao longo do livro e na introdução, creio que esse “mote” nas entrevistas tenha servido para dar ao livro esse tema comum de “histórias com a ayahuasca para além da academia”, mesmo quase sempre eu tratando com pesquisadores acadêmicos.

Afora isso, já de início tinha a noção de que entrevistas fixas demais, como questionário, poderiam até atrapalhar a fluidez de algumas conversas e, consequentemente, a reelaboração dessas entrevistas textualmente neste livro como narrativas. Mesmo que trabalhando no mesmo campo, não há dois pesquisadores iguais; creio que as adaptações nos roteiros de perguntas, apesar de me fazerem perder um pouco da uniformidade, foram necessárias devido às diversas naturezas dos entrevistados e de seus trabalhos.

Importante, nesse momento, foi também estender o rol de pesquisas e áreas sobre a qual eu me espriava. No início, me parecia fazer mais sentido um viés da psiquiatria —uma

exploração sobre como a ayahuasca estava sendo pesquisada em laboratórios de universidade mediante suas supostas ações antidepressivas e no combate a dependência e adicção. Mas o interesse nos usos da ayahuasca me levaram também a considerar outros pesquisadores que, por meios diferentes, também acabam comentando sobre essas propriedades de “cura” da ayahuasca. Não são pesquisas clínicas, em que há testes com voluntários, e, por vezes, observações sobre os efeitos neurológicos e possíveis vias de atuação dos componentes da ayahuasca no cérebro. Mas são, da mesma forma, pesquisas acadêmicas; e foram de imenso valor para mim, por serem incursões em campo, dentro de grupos ayahuasqueiros. Acabou sendo de dupla valia: me mostrou como pesquisam outros tipos de estudiosos, e também me possibilitou uma janela a esses grupos que talvez minhas entrevistas com frequentadores não tenha conseguido mostrar. Creio que, nesta definição de pesquisadores, entrem Bruno Gomes e Luis Felipe Valêncio, ainda na área mais geral das ciências da saúde (portanto, ainda mais ou menos próximos dos anteriores) e, no campo da antropologia, Marcelo Mercante e Jaime Moura Fernandes-Diakara.

Tudo, saliento, contribuiu para esse mosaico que tentei criar. Além de mostrar pesquisas que exploram os possíveis efeitos de saúde benéficos da ayahuasca, e as possíveis aplicações do chá e/ou de seus compostos na saúde pública.

Assim, o primeiro capítulo se preza a uma exploração de conceitos e definições: o que são psicodélicos, e o que é, ou pode ser, a ayahuasca. Arrematei-o com alguns relatos de uso do chá, com entrevistados que foram escolhidos pelas suas experiências em primeira mão em grupos ayahuasqueiros, além de uma breve explicação sobre a situação legal da substância no Brasil. Creio ter, com isso, iniciado aquele “feixe de perfis” do qual comentei acima.

O segundo capítulo trata das pesquisas dum grupo de cientistas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que estudaram os efeitos da ayahuasca em pacientes com depressão resistente a tratamento. O grupo foi escolhido primariamente pela relevância e inovação de suas pesquisas —alguns dos integrantes são parte do Instituto do Cérebro da UFRN, reconhecida pelas pesquisas com psicodélicos nos últimos anos. Além disso, a trajetória deles me permitiu mostrar alguns elementos tanto de tensão quanto de ajuda mútua entre pesquisadores e grupos ayahuasqueiros. A escolha da DMT como objeto de estudo presente dos pesquisadores também ilustra caminhos possíveis para se partir da ayahuasca em direção a outras

É importante ressaltar que o grupo da UFRN já teve sua história contada por outros jornalistas. Particularmente importantes são as produções de Marcelo Leite. Ele contou, com mais detalhes do que eu jamais conseguiria aqui, a história do primeiro estudo clínico

duplo-cego do grupo com ayahuasca no primeiro capítulo de seu livro *Psiconautas*, de 2021,⁴ e alguns desenvolvimentos posteriores do grupo com a DMT em seus textos de sua coluna *Virada Psicodélica na Folha de S.Paulo*⁵. Outros jornalistas já contaram ao menos parte das pesquisas do grupo; Dráulio Araújo, um dos pesquisadores, já participou de programas de entrevista sobre o assunto. Não reivindico, portanto, e nem poderia reivindicar, nenhum ineditismo na “descoberta” dessa grupo —apenas espero ter feito um bom trabalho recontando, de meu jeito, um pouco da história deles a partir de minhas entrevistas com Dráulio Araújo, Fernanda Palhano e Nicole Coelho, e ter conseguido incluir nisso um pouco de meus próprios questionamentos a eles, que permitiram algumas observações dos pesquisadores sobre os temas específicos deste meu livro.

O terceiro capítulo traz uma coletânea de histórias de pesquisadores. A escolha dos acadêmicos que compõem esse capítulo respeita o tema geral do livro —suas pesquisas tocam, de alguma forma, nos usos da ayahuasca no combate à adição a “drogas de abuso”—, mas eles aqui aparecem como forma de aumentar o escopo do tipo de história que conto no livro. Aqui entram algumas pesquisas de campo; também contei um pouco sobre uma pesquisa clínica ainda em curso, à guisa de demonstrar, mesmo que ainda sem resultados, como se constrói, no presente mais candente possível, um desenho de pesquisa com psicodélicos no Brasil. Penso que o capítulo também deva boa parte de seu valor às ideias para um possível futuro expostas na subseção *Plantas e cogumelos II*.

O quarto capítulo é um arremate para algumas pontas soltas, explorando um pouco sobre o que os pesquisadores têm a dizer sobre suas relações com elementos do mundo ayahuasqueiros. Creio ter amarrado algumas histórias ao trazer esse nó que une muitos dos pesquisadores no livro: Edilsom Fernandes, e sua filial da Barquinha em Ji-Paraná, Rondônia.

Gostaria de agradecer a todos os entrevistados, que doaram seu tempo e seu conhecimento para me ajudar neste livro. São eles: Bruno Gomes, Cecília Galício, Daniel Andrade, Dráulio Araújo, Edilsom Fernandes, Érico Macedo, Fernanda Palhano, Geralda Dias, Jaime Diakara, Luis Felipe Valêncio, Marcelo Leite, Marcelo Mercante, Nicole Coelho, Paulo Morais, Rafael Guimarães dos Santos e Renato Filev.

Por fim, gostaria de explicitar uma noção implícita em produções jornalísticas como essa. Relato aqui o trabalho de várias outras pessoas em diferentes campos do saber. Essas

⁴ LEITE, Marcelo. **Psiconautas: viagens com a ciência psicodélica brasileira**. São Paulo: Fósforo, 2021.

⁵ Como, por exemplo, em LEITE, Marcelo. UFRN recupera jurema em artigo sobre uso seguro de DMT inalada. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 28 dez. 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/virada-psicodelica/2023/12/ufrn-recupera-jurema-em-artigo-sobre-uso-seguro-de-dmt-inalada.shtml>

pesquisas tratam, por vezes, de categorias muito específicas de seus domínios. Fiz o meu máximo para traduzir algo desse conhecimento para uma linguagem jornalística ainda mantendo a fidelidade aos trabalhos de origem. Portanto, gostaria de salientar, até como parte de meu dever ético, que, apesar de todos os meus esforços, qualquer erro que tenha surgido nesse processo é de minha responsabilidade, não de quem me cedeu entrevista, ou de quem escreveu os textos que cito.

1. Neurônios e mariri

Psiquê

Há algumas características que podem nos ajudar a definir substâncias psicodélicas, de acordo com explicação que me foi dada por Dráulio Araújo, professor da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

A primeira delas tem a ver com o grupo de neuroreceptores com que essa substâncias têm maior afinidade.

Neuroreceptores são as estruturas que recebem os neurotransmissores e permitem a passagem da mensagem adiante. “As substâncias psicodélicas têm uma grande afinidade a receptores de serotonina, particularmente do tipo 5-HT2-A”⁶. Estamos falando, então, de uma classe de substâncias que parece ocupar um lugar originalmente reservado a um neurotransmissor relacionado a elementos como a cognição e o humor —e, uma vez lá, provocam alterações particulares na forma em que percebemos o mundo.

“Naturalmente, essa afinidade a certos grupos de neurotransmissores específicos também acabam caracterizando-as do ponto de vista dos seus efeitos, de como aquela relação entre a molécula psicodélica e o neuroreceptor se dá”, continua Dráulio. “E, a partir dessa relação então surge boa parte dos efeitos que são peculiares a essas substâncias.”

Psicodélicos, até aqui, também têm se provado como substâncias de uso relativamente seguro, particularmente do ponto de vista físico. A overdose delas, quando conhecida, está em patamares muito mais altos do que seu uso característico.

“Só para você ter uma ideia, a ayahuasca se utiliza characteristicamente da ordem de 50 a 100 ml, e a estimativa da sua overdose aconteceria com algo da ordem de 30 litros”, conta Dráulio.

Os psicodélicos também não exibem tolerância —comportamento no qual os efeitos vão se reduzindo à medida que o organismo do usuário se acostuma à droga. A tolerância é típica de drogas de abuso, como a cocaína, o álcool, e o tabaco, mas praticamente inexistente nos psicodélicos. “O que significa dizer que aí também carregam mais uma característica de segurança, que está associado ao fato dela não ter um uso abusivo associado aos psicodélicos”, diz o cientista. “As pessoas não ficam dependentes físicas de psicodélicos.”

O que não significa que essas substâncias sejam uma panaceia. Os psicodélicos podem trazer riscos, particularmente para indivíduos mais suscetíveis, com certas características

⁶ 5-HT, ou 5-hidroxitriptamina, são outros nomes para a serotonina. A designação “2-A” individualiza este dentro os outros receptores de 5-HT.

mentais que podem facilitar com que a pessoa tenha surtos psicóticos ou de manias quando sob efeito dessas substâncias. “Mas isso acontece em pessoas que já têm uma propensão a esse tipo de distúrbio; ou seja, quem já teve algum tipo de distúrbio prévio”, ou tem algum tipo de histórico familiar.

Agora, do ponto de vista mental, o que sobre os psicodélicos sobressai é essa propriedade de suscitar “visões”. Geralmente, aparecem quando estamos de olhos fechados, no que se parecem com sonhos. Mas isso não impede que, particularmente em doses mais altas, alguns compostos possam gerar mirações de olhos abertos.

É uma característica que se soma —e, em certo sentido, pode ser quase indistinguível— aos pensamentos que se tem durante os efeitos das substâncias, e nossa relação com nossas divagações. “Parece que os pensamentos ganham muita força, sob vários aspectos. Em muitos momentos, a gente pode até acreditar que o que a gente tá vendo nessas visões são os nossos próprios pensamentos”, diz o pesquisador.

São substância que aumentam nossa introspecção, aumentam a atenção que damos para os próprios pensamentos e emoções. Algumas pessoas lhes dão interpretações místicas.

Yagé

É difícil, talvez impossível, encontrar quem faça uso recreativo da ayahuasca.

A beberagem costuma causar náusea, vômito, diarreia. Outros psicodélicos causam alterações similares —os cogumelos de psilocibina, como os do gênero *Psilocybe*, frequentemente provocam desconfortos estomacais quando comidos, por exemplo.

Mas essa é a palavra que se aplica à maior parte desses psicodélicos: um *desconforto*. Já a ayahuasca costuma ter efeitos num grau acima. O vômito chega a ser aspecto definidor de muitos rituais de grupos ayahuasqueiros; é dito “purga”, nalguns.

“Ayahuasca”, em sentido mais estrito, é o cipó amazônico *Banisteria caapi*. É um nome de origem quéchua, uma família linguística sul americana que, hoje, tem seus falantes espalhados principalmente no Peru, Equador e Bolívia. Pode ser traduzido como “cipó das almas” ou “liana dos espíritos”.⁷ A depender do povo e do lugar, o cipó também recebe nomes como caapi, yagé e mariri.

Em sentido lato, “ayahuasca” é a bebida (geralmente descrita como um chá) produzida a partir do cipó *B. caapi*, comumente misturado a alguma outra planta. Aqui, o composto final

⁷ DIAS, Camila; MONTELES, Ricardo. *Aspectos botânicos e ecológicos da ayahuasca*. In: In: MAIA, Lucas de Oliveira; DIAS, Camila; VALÊNCIO, Luis Felipe; TÓFOLI, Luís Fernando (org.). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Ed. da Unicamp: Campinas, 2024, p. 23.

muito varia, principalmente quando levamos em conta todo o universo do uso indígena. Mas, ao menos no que diz respeito ao mundo da ayahuasca das religiões e grupos ayahuasqueiros, a mistura mais comum é do lenho macerado do cipó com as folhas da chacrona, ou *Psychotria viridis*.

Nas concepções indígenas, o cipó é comumente ligado ao lado espiritual —é ele quem dá o conhecimento sobre a vida após o desencarne. “É a *Banisteriopsis caapi* que mostra ao indivíduo o que ele encontrará após sua morte, os seres com os quais trará contato, seu destino final, o caminho até este e o que lá encontrará”.⁸

Mas ele também traz conhecimentos para este mundo; oferece guias morais, nos conta sobre a criação, sobre os seres que aqui residem. Também pode servir como instrumento de cura, tanto permitindo diagnósticos quanto sendo ele mesmo o remédio.⁹

Quimicamente, é a chacrona que tem a dimetiltriptamina, ou DMT, o principal componente bioativo do chá, aquilo que permite as visões e os *insights* de quem o bebe. A DMT também está presente em alguns animais e outras plantas, como as árvores no nordeste brasileiro conhecidas como Jurema (*Mimosa sp.*)

Há uma curiosa interconexão entre o cipó e a chacrona. A DMT, se ingerida sozinha, é degradada no sistema digestivo humano pela ação de algumas enzimas conhecidas como “monoaminoxidases” (MOA) —ou seja, enzimas que degradam monoaminas, caso da DMT e de alguns de nossos neurotransmissores.

São algumas substâncias do cipó, conhecidas como beta-carbolinas, que impedem a ação das MOA —teoricamente, são “inibidoras de monoaminoxidase” — permitindo que a DMT chegue ao nosso sistema nervoso central. Uma alegre conjunção químico-botânica.

A história das chamadas “religiões ayahuasqueiras” —um termo que, na verdade, nem sempre foi aplicado a esses grupos, e vem tomando mais tração nas últimas décadas— geralmente é contada como algo que se inicia com a ida do maranhense Raimundo Irineu Serra, nascido em 1890 em São Vicente Ferrer, à região da Amazônia no início do século XX, como parte do fluxo migratório de nordestinos para trabalho nos seringais —o ano não é exatamente claro, mas alguns relatos apontam para 1912.¹⁰

⁸ LUZ, Pedro. *O uso ameríndio do caapi*. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Mercado de Letras: Campinas, 2004. p. 62.

⁹ Idem, p. 63.

¹⁰ GOULART, Sandra Lucia. *As religiões ayahuasqueiras brasileiras e o cenário contemporâneo transnacional da ayahuasca: panorama histórico e atualizações*. In: MAIA, Lucas de Oliveira; DIAS, Camila; VALÊNCIO, Luis Felipe; TÓFOLI, Luís Fernando (org.). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Ed. da Unicamp: Campinas, 2024, p. 28.

Raimundo conheceu a ayahuasca no município de Basileia, no Acre, e, em 1930, começou a organizar, em Rio Branco, o que viria a se tornar a primeira comunidade religiosa ayahuasqueira. Receberia, com o tempo, o nome de “Alto Santo”.

Outras comunidades religiosas surgiram na esteira, com maior ou menor contato com o grupo de Mestre Irineu. Daniel Pereira de Mattos, também maranhense envolvido na migração para os seringais, depois de participar por mais ou menos uma década de rituais no grupo de Irineu, funda, em 1945, uma outra comunidade, mais influenciada por ritos afro-brasileiros, que depois receberia a designação de “Barquinha”; ele passa a ser “Mestre Daniel”.

José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel, forma da “União do Vegetal” (UDV) em Porto Velho, na década de 1960, inaugurando uma das religiões ayahuasqueiras que mais iria se espalhar pelos centros urbanos do sudeste do país.

Também é de nota o *Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra* (CEFLURIS), surgido a partir do Alto Santo, mas que, assim como a UDV, atingiu presença considerável fora da região Norte. Foi fundada por Sebastião Mota de Melo na década de 1970 no Acre. Hoje, usa o nome *Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Patrono Sebastião Mota de Melo* (ICEFLU). É esse o grupo comumente conhecido como “Santo Daime”.¹¹

Em comum, esses grupos têm o uso do chá de ayahuasca, uma base cristã, com muitos elementos dum catolicismo popular, e níveis variáveis de influências indígenas e afro-brasileiras.

Fora esses grupos religiosos, há ainda um tipo relativamente novo de uso da ayahuasca, que se tem expandido em centros urbanos Brasil afora nas últimas décadas. São os chamados “neo-xamânicos”, que, em linhas gerais, misturam elementos de outras crenças e religiões, inclusive num ecletismo *new age*.

Foi nesse contexto neo-xamânico que Luiz Felipe Valêncio experimentou a ayahuasca pela primeira vez. Estava caminhando para o fim de sua graduação em ciências biológicas na Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) —se formaria em 2016.

A curiosidade que a beberagem lhe suscitou só começou a ser sanada academicamente a partir de 2017, quando passou a estudar grupos ayahuasqueiros no mestrado na Famerp (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto).

¹¹ Além do artigo de Sandra Goulart, publicado em coletânea da Editora da Unicamp e citado em nota *supra*, tirei estes detalhes e datas de fundação desses movimentos religiosos também de LABATE, Beatriz Caiuby. *A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Mercado de Letras: Campinas, 2004.

Se embrenhou em 20 grupos ayahuasqueiros, principalmente nos do Santo Daime e nos neo-xamânicos. Pegando emprestado um termo usualmente empregado no mundo da ética em pesquisas acadêmicas, resolveu estudar o que chamou de “processo de consentimento livre e esclarecido” nesses grupos. Ou seja, como acontecem as instruções a novos membros antes de participarem das sessões e beberam da ayahuasca.

Nos grupos, esses processos acabam conhecidos por outros nomes, como “instrução”, “anamnese”, ou simplesmente como a conversa que se tem com alguma liderança ou instrutor.

“Eu vi que alguns grupos que recebem mais pessoas, às vezes eles recebiam 50 pessoas pela primeira vez para tomar numa cerimônia de 250, 300 pessoas”, diz ele. Parte desse processo de consentimento vinha na forma de palestras com informações acadêmicas, que apresentavam a bebida. “Em outros centros menores, isso tende a ser uma conversa às vezes mais intimista”.

Um discurso próximo da área de saúde também pode ser incorporado a esses grupos. Muitas vezes, conta Luiz Felipe, quem faz esse trabalho de anamnese são pessoas da área de saúde —médicos, enfermeiros ou profissionais da psicologia, por exemplo—, por terem uma familiaridade com a anamnese médica, “que é um pouco diferente, que pressupõe uma ética profissional, uma formação específica”. É uma instrução, mas também uma análise de quem poderia ou não usar a ayahuasca naquela ocasião —o que emprega também algum conhecimento em saúde por parte dos membros.

Mas, talvez o que mais chame a atenção, é o caráter do “cuidado” e da “cura” que há nesses grupos religiosos e neo-xamânicos. “A gente também mais cartesianamente imagina a saúde, pelo menos num contexto urbano, muitas vezes ligada às profissões de saúde, a essa saúde formal, os cuidados oferecidos pela saúde formal”, diz Luiz Felipe. Mas, citando o antropólogo Eduardo Menezes, ele diz que, especialmente na América Latina, muita gente tende para uma “auto-atenção”. “As pessoas, muitas vezes, [quando] estão como uma condição de saúde, elas podem ir ao médico, ao psicólogo e tal, mas também buscar uma benzedeira, também na igreja evangélica, também tomar ayahuasca, também se cuidar com plantas. Então a gente tem vários sistemas de cuidado coexistindo. E eu via muito essas categorias, essas *intermedicalidades*, nos grupos”, em que havia essa mistura de elementos da medicina da saúde formal, com categorias e ritos específicos dos grupos. Sistemas de cuidado em interação.

Érico Macedo é professor de matemática em Campinas, interior de São Paulo. Na infância, seguindo a religião da mãe, frequentava um centro espírita kardecista. Hoje, é ateu. “Consagra” —termo usado por alguns grupos ayahuasqueiros— num grupo neo-xamânico na cidade próxima de Jundiaí chamado *Filhos da Luz*, para onde havia sido convidado por uma garota com quem saia. Consagrava mensalmente por um período em 2022 e 2023. Visitei-o em sua casa em setembro de 2024. Coincidencialmente, Érico voltaria a beber ayahuasca no dia seguinte à nossa conversa, pela primeira vez depois dum intervalo de mais ou menos um ano.

“Antes mesmo de você consagrar, você começa a sentir o clima do ambiente, do lugar. A serenidade, digamos assim, das pessoas”, conta ele. Não conversamos longamente sobre os tipos de anamnese que fazem por lá —a visita a Érico havia se dado antes de eu entrar em contato com Luiz Felipe—, mas algumas coisas que conta são parelhas às relatadas pelo biólogo e pesquisador. Diz Érico: “O responsável chama as pessoas que nunca consagraram para uma conversa. Explicar mais ou menos o que você pode sentir, como se comportar. Mas [na primeira vez de Érico] ele falou: ‘Ó, se você já leu alguma coisa, já pesquisou, esquece tudo que você já leu, que você pesquisou, que você viu, porque é uma coisa única’.” A anamnese também inclui perguntas sobre, por exemplo, o uso de remédios controlados.

O professor de matemática conta que lá eles rezam o Pai-Nosso e a Ave-Maria ao início dos rituais, mas que a sessão como um todo é bem eclética.

Conta que o que mais o impressiona nos efeitos da beberagem é acessar memórias que ele não lembrava que tinha, e preocupações que não racionalizava. Memórias de infância, um dia que passou com a mãe ou o pai, alguma frase solta —coisa assim costumam voltar à mente, mesmo sem serem chamadas. As experiências com o chá o fizeram reavaliar alguns fatos da relação dele com os pais.

Há uma sensação de conexão com o universo e os antepassados: “Não é algo muito fácil de descrever com palavras, mas você sente que tem muita gente atrás de você, olhando por você. É uma coisa muito difícil de explicar, porque é mais sensação mesmo, não é muito racional”.

Ele, a princípio, logo depois de beber, costuma se sentir mal. Vêm a ele emoções como a angústia e o medo —às vezes, pode sentir como se não fosse sair dos efeitos da beberagem. “Essa última vez [antes de nossa conversa], eu comecei a gritar inconscientemente. Eu ouvi uma voz ao longe gritando. Quando eu percebi, era eu. Aí vem o pessoal [do grupo] que cuida, que te acalma”. Depois do baque inicial é que as sensações boas, de conexão, começam.

Ele vê isso como um uso terapêutico, não religioso, pessoalmente. Tampouco é algo recreativo. Aliás, ouviu essa segunda parte da própria “voz” que, por vezes, fala com ele durante os rituais: “‘Isso não é uma droga recreativa’. A voz ficou falando no meu ouvido enquanto eu passava mal pra caramba”.

Ele diz que, longe dos rituais, encara o chá como substância química, que lhe permite entrar em contato com recantos de sua própria mente. Mas admite que, quando está sob a “força” nos rituais, a percepção muda. Lá, diz ele, “eu acho que realmente estou tendo acesso a um plano espiritual, eu entendo que existem coisas que a minha racionalidade não consegue explicar, entendo que existe uma ancestralidade, ou seja, o que eu tô sentindo lá é um acúmulo de experiências [de povos que] vivem há milênios. E quem sou eu para questionar a validade daquilo, se é uma alucinação, ou se eu realmente tô acessando um plano que está além do físico?”.

O tópico de reavaliar relações familiares foi comum nos relatos que ouvi de frequentadores de grupos ayahuasqueiros. Daniel Francisco Andrade, músico na capital paulista, vai a rituais desde criança, e diz que eles ajudaram a sua família a se aproximar.

A primeira vez que Daniel bebeu, tinha 11 anos, em torno da virada do milênio; mas bem pouco, quase que um “batismo na ayahuasca”. Primeira vez que ele bebeu de verdade foi por volta dos 13 anos. Consumiu a beberagem em grupos que eram espécie de dissidências da UDV, mas que não tinham o aspecto religioso exacerbado. Daniel os descreve como descreve como grupos terapêuticos ecumênicos.

Com o tempo, o músico chegou a ver gente ter a vida transformada pelo chá —pessoas largarem o uso danoso de drogas, por exemplo. “É uma experiência que de fato te coloca em contato consigo num nível que às vezes é possível ‘resetar o programa’, começar de novo, se reestruturar”.

Assim como Érico, relato o desconforto que a experiência pode trazer, particularmente físico. “Eu acho que, conforme você vai experimentando a burracheira¹² e tudo o mais, você percebe que quase sempre esse desconforto físico está associado a alguma questão de catarse ou de expurga que tem a ver com a experiência, que traz algum aspecto psicológico junto”.

A própria escolha de profissão, ele relaciona com suas experiências com a beberagem. “A questão da musicalidade, do lance de compor, de escrever, a coisa da poesia, de como usar as palavras, isso foi uma coisa que foi sendo bem aflorada ali dentro dos rituais”. Ouviu

¹² Termo usado na UDV; talvez um castelhanismo de *borrachera*, por sua vez advindo de *borracho*, ébrio, como explica o antropólogo Edward MacRae em nota explicativa de *The ritual use of ayahuasca by three Brazilian religions*. In: COOMBER, Ross e SOUTH, Nigel. **Drug Use and Cultural Contexts “Beyond the West”**. Londres: Free Association Books, 2004, pp. 27-45

também uma voz —outro aspecto recorrente—, num ritual ali por volta dos seus 20 anos, dentro de uma miração; ela lhe disse que aquele era seu caminho.

Ele ressalta, por fim, que, apesar da ayahuasca ser esse instrumento de conhecimento, também são necessários cuidados. A anamnese precisa ser bem feita, os grupos precisam ser responsáveis para evitar que pessoas com um histórico de surto psicótico se envolvam e tenham experiências ruins.

O debate legal da ayahuasca no Brasil é um dos mais maduros dentro do mundo da política de drogas.

Hoje, um dos principais documentos legais a regular a proibição de drogas é a lei 11.343 de 2006¹³, convenientemente conhecida como “Lei de Drogas”. É ela quem estabelece medidas para a prevenção do que chama de “uso indevido” de drogas, e estipula as normas para a repressão da produção e do tráfico, por exemplo. Já a lista de fato de substâncias proibidas existia desde antes: é a portaria 344 da Anvisa, de 1998¹⁴.

Foi a partir de seu segundo artigo, que menciona a possibilidade de exceções para uso médico e científico, bem como a defesa do uso ritualístico-religioso, que membros associados ao Conselho Nacional Antidrogas conseguiram trabalhar para garantir o uso religioso da ayahuasca, efetivamente protegendo esse uso de qualquer criminalização com uma resolução publicada em 2010¹⁵.

A partir de 2006, com a promulgação da Lei de Drogas, “a gente tava começando a ver os impactos do aumento do encarceramento”, explica Cecília Galício, advogada, integrante da Rede Jurídica pela Reforma da Política de Drogas (Rede Reforma) e conselheira suplente do CONAD. “Mesmo assim, foi possível fazer um debate bastante qualificado e científico a respeito do uso de ayahuasca, que resultou nessa resolução”.

A questão toda, explica a advogada, é que o debate jurídico da Lei de Drogas tem a ver com a proteção da saúde pública, não com a saúde individual. “A liberdade religiosa, por exemplo, está esculpida nesse rol de direitos individuais”, explica ela. “Então faz muito sentido do ponto de vista lógico que, já que a gente tem a liberdade de cultuar nossos deuses,

¹³ BRASIL. Lei nº 11.343 de 23 de agosto de 2006. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 24 de agosto de 2006.

¹⁴ BRASIL. Ministério da Saúde - Anvisa. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 13 de maio de 1998.

¹⁵ BRASIL. Gabinete de Segurança Institucional - Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas. Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, nº 17, 26 de janeiro de 2010.

independente de quem seja, que a gente também possa fazer uso da nossa consciência e de alteração dessa consciência nessa medida.”

A lista da Anvisa não estipula nem estipulava a ayahuasca (a bebida, ou a *B. caapi*) como substância controlada. Mas o receio, à época, era de que, insuflados pela nova lei de 2006, grupos políticos tentassem proibir o chá e, por tabela, os ritos religiosos ayahuasqueiros. A movimentação que resultou na resolução, portanto, tinha mais um caráter protetivo, de assegurar que essa substância (e a cultura associada) não fossem criminalizadas.

Nesse sentido, a resolução de 2010, e o caso da ayahuasca em geral, acabaram sendo um *case*, explica Cecília, ainda único no Brasil. “Um grupo muito pequeno de pessoa se uniu em torno desse objetivo, construiu a proposta é técnico-científico-antropológica, e resultou nisso que a gente tem hoje, que é não só a não criminalização do uso dessa substância, que já é muito grande, mas [é] esse reconhecimento do uso religioso de substâncias”. O que abriu um leque que, ao menos em teoria, poderia ser aproveitado na discussão de outras drogas.

Isso não quer dizer, por outro lado, que a ayahuasca tenha grande aceitação social, nem que as religiões ayahuasqueiras não sofram com algum preconceito. O uso religioso legal no Brasil “facilita o acesso a substância e autorização pela Anvisa para para estudos clínicos”, salienta Marcelo Leite, jornalista que cobre pesquisas com psicodélicos há anos. O próprio chá “encontra uma certa aceitação social no Brasil por causa da autorização para esse uso religioso —foi um longo processo até que isso fosse legalizado. Mas é uma aceitação talvez restrita”. O jornalista lembra das associações negativas que, no campo social, ainda aparecem junto da ayahuasca —particularmente o assassinato do cartunista Glauco Villas Boas, em 2010¹⁶. Nem toda a letra da lei muda a realidade social.

Agora, o caso da ayahuasca ainda pode ajudar na desestigmatização e descriminalização de outras substâncias. A portaria de 1998 da Anvisa, ainda hoje válida, lista quatro níveis de substâncias controladas, desde as supostamente mais perigosas até aquelas cujo uso médico é aceitável. “Um ponto bastante importante dessa dinâmica é que ela é flexível”, diz Cecília. “Ela pode ser alterada na medida em que a gente encontre discussões ou novas evidências científicas a partir duma substância.”

¹⁶ O cartunista e seu filho foram assassinados em 12 de março daquele ano em Osasco (SP) por Carlos Eduardo Sundfeld Nunes. Carlos frequentava a igreja ayahuasqueira *Céu de Maria*, fundada e liderada por Glauco. À época, o assassinato e as ações erráticas de Carlos foram creditadas popularmente ao consumo do chá; ele, na verdade, já apresentava sintomas de esquizofrenia antes mesmo de começar a participar dos rituais. Estas informações foram retiradas de: *Há dez anos, o cartunista Glauco e seu filho foram mortos por jovem que dizia ser Jesus Cristo*. O Globo. Rio de Janeiro, 12 de março de 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/ha-dez-anos-o-cartunista-glauco-e-seu-filho-foram-mortos-por-jovem-que-dizia-ser-jesus-cristo.html>.

“A maconha, por exemplo, em 2020, foi reclassificada. Ela passou da lista um para a lista quatro: da lista “do mal”, onde está a cocaína, a heroína etc., para a lista quatro, onde a gente tem isso como ferramenta terapêutica”. O caso da ayahuasca poderia influenciar nessas discussões que já acontecem sobre a maconha, por exemplo, ajudando a estabelecer legalmente parâmetros de produção e uso para nossa sociedade.

Não que essas discussões não estejam acontecendo de forma autônoma nem que a situação da ayahuasca tenha de ser replicada *ipsis litteris* —em 2024, o ano de escrita deste livro, o Supremo Tribunal Federal estabeleceu, em discussão sobre a mesma Lei de Drogas, a desriminalização do porte de maconha, e a definição de um limite de substância (40g) entre o usuário e o traficante. Mas o caso pode ser esclarecedor para discussões futuras sobre drogas e enteógenos —substâncias usadas em rituais religiosos como forma de permitir ou facilitar a comunicação com uma esfera tida como divina.¹⁷

Geralda Dias bebeu ayahuasca pela primeira vez no réveillon de 2016. Disse que o primeiro contato começou mal. A bebida foi horrível, e a primeira sensação foi ruim. Sentia como se estivesse morrendo, e as pessoas que estavam com ela no grupo lhe alentavam: “tudo bem, você morre e nasce de novo!”

Ela é uma analista junguiana e professora aposentada de português e espanhol. Na época de seu primeiro contato com o chá, estava saindo de um período delicado —uma pancreatite e suas complicações haviam debilitado sua saúde.

Havia ouvido de amigos sobre o chá de ayahuasca. Disseram que ele tinha propriedades de cura. Resolveu experimentar.

Os grupos que Geralda frequentou também, de forma geral, se encaixam na definição de neo-xamânicos. Já nesse primeiro contato, disse que conseguiu se conectar muito com seu inconsciente. Conectou-se com os outros. O ritual envolveu uma dança em torno duma fogueira. “Eu lembro de ter ido dançar, e foi uma expansão emocional. Nossa, parecia que eu amava todo mundo.”

Já a segunda experiência foi ruim a ponto dela pensar em nunca voltar. “Mas é engraçado: ao longo da semana, eu me sentia tão bem. Parece que, primeiro, sumiu uma raiva que eu nem sabia que tinha. Uma raiva interna, que tudo me dava raiva. Nem sabia que tinha essa raiva. Sumiu. Depois, eu me senti fortalecida para lidar com as pessoas.”

¹⁷ Definição na qual a própria maconha pode cair se levarmos em conta, por exemplo, a religião *rastafári*.

Diz que, para ela, é difícil guardar detalhes das mirações —elas tendem a sumir muito rápido, como *frames* numa tela. “Mas eu lembro muito de ver, sempre vejo muita natureza, rio, animais. É como se o espírito da planta levasse a gente lá para dentro da floresta”, diz. “É incrível isso”.

Num dos rituais de que participou, o grupo havia sido instruído a vomitar num pedaço da grama —não havia espaço suficiente no banheiro, e, como mencionado, a ayahuasca é um emético. “E aí eu fui lá fora vomitar, e, quando eu olhei para baixo, eu vi um sapo. Mas o sapo era enorme. Parecia, sei lá, uma criança bebê de 8 meses. Aí eu olhei para aquele sapo, e falei para mim mesma: ‘Ah, legal. Tô vomitando todos os sapos que eu engoli na vida’.”

Não é nem foi afiliada a nenhuma igreja ayahuasqueira. Ela diz não descartar a parte espiritual, mas é cética. Os efeitos do chá, para ela, tem mais a ver com a química cerebral. “De qualquer maneira, eu acho que a ayahuasca torna a gente melhor. Ela limpa algumas coisas na gente, traz clareza de algumas coisas. Eu acho que é equivalente a uns 10 anos de terapia. Mas é um mergulho muito profundo, é muito difícil. Não recomendo que qualquer pessoa faça, não.”

Em 2018, ela diz que fechou um ciclo em sua vida —se aposentou e terminou um relacionamento abusivo. A ayahuasca não foi a única coisa que contribuiu com isso, mas foi uma delas. “É lógico que não é só a ayahuasca, né? Eu sou uma pessoa que faz terapia há anos, eu busco, eu leio, eu estudo. Isso tudo influencia, mas eu acho que a ayahuasca me encaminhou, sim, para essa consciência do que eu queria pra minha vida”, diz ela. “ou, como o Jung diz, para um caminho de individuação, que é a gente tornar-se a gente mesmo”.

Marcelo Mercante estava acampando em Trindade, bairro caiçara da cidade fluminense de Paraty, quando encontrou um sujeito que disse que bebia ayahuasca. Marcelo, então um estudante de biologia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) se mostrou interessado no assunto. Se lembrava de uma reportagem na então Rede Manchete, com atores como Carlos Augusto Strazzer e Lucélia Santos, sobre o centro daimista *Céu do Mapiá*. “E aquela reportagem falando do chá da floresta, o padrinho Sebastião falando, o povo tomando aquele chá e bailando, e eu lembro de ter ver gente abraçada com árvore, olhando pro teto. Eu falei ‘caralho, o que é isso? Que que esses caras tão fazendo? Eu quero experimentar esse negócio’.”

O homem de Trindade lhe passou o telefone da *Igreja do Céu do Mar*, um centro daimista no Rio de Janeiro. Foi lá onde Marcelo bebeu ayahuasca pela primeira vez, em agosto de 1991.

Nas duas primeiras vezes em que tomou o chá, não sentiu nada de tão especial. “Mas eu saí de lá de dentro do trabalho com uma paz dentro de mim, que eu não imaginava que aquilo era possível.”

Foi necessária uma terceira ida. “Aí eu entrei mesmo na força, e o troço me levou longe. Ele conta que, a princípio, tinha ido atrás pela curiosidade, para saber qual era o barato daquela bebida. Mas, quase sem querer, ele acabou topando com uma igreja, uma outra forma de ver a vida. À época, estava terminando o curso de biologia —e não sabia muito bem para onde ir depois disso. Bebendo o chá, “meus questionamentos mudaram todos. Primeiro eu me toquei que minha relação com a natureza era contemplativa, não era analítica. Então a biologia não servia para mim. E depois eu comecei a ter um interesse muito grande pela questão da cura, de como é que aconteciam essas coisas espirituais”.

Essa equação entre sua vida profissional, acadêmica e espiritual só começou a ser resolvida em 2001, quando, depois de debandar para a antropologia num mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entrou no doutorado em ciências humanas na *Saybrook University*, nos Estados Unidos, onde estudou a Barquinha. Estava longe de ser seu único contato com a religião.

A ayahuasca ainda traria outros desdobramentos em sua vida, que veremos mais abaixo. Espero mostrar um pouco da história dele e de outros pesquisadores que se embrenharam neste mundo —e tentar mostrar, assim como nos relatos de Geralda, Marcelo, Luiz Felipe, Érico e Daniel, um pouco das descobertas feitas com, por causa e a partir do chá.

2. Ressonâncias e a dimetiltriptamina

Ribeirão Preto, Natal, e fMRI

Um psicodélico corre por suas veias neste momento.

No sangue, mas também na urina. No líquido cerebroespinal —aquele que banha o cérebro e a medula.¹⁸

O mesmo DMT encontrado em várias plantas, inclusive na amazônica *Psychotria viridis*, aparece em humanos e outros animais, mesmo que em doses reduzidas.

“Enquanto a gente conversa aqui” me contou Dráulio Barros de Araújo, “existe DMT circulando nos nossos corpos, e a gente não sabe exatamente para quê ele tá lá”.

Dráulio havia se formado em física pela UnB (Universidade de Brasília) em 1995. Se enveredou por um caminho mais interdisciplinar, fazendo estudos de ressonância magnética. Concluiu doutorado em física aplicada à medicina e biologia em 2002 pela USP (Universidade de São Paulo). No mesmo ano virou professor nessa universidade.

Dráulio trabalhava com fMRI, sigla em inglês para “imagem por ressonância magnética funcional”. Um pouco mais sofisticada do que a ressonância magnética convencional (MRI), a fMRI permite imagens do cérebro em funcionamento, enquanto a pessoa analisada, por exemplo, está ocupada com alguma atividade. Essa expertise na ressonância magnética o levou às pesquisas com ayahuasca no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto (FMRP) num grupo do qual também fazia parte o colega e psiquiatra Jaime Hallak. A ideia era, por meio das imagens geradas na ressonância, identificar as alterações cerebrais provocadas pela ayahuasca em usuários da beberagem —entender não só a DMT, àquela altura uma molécula que já fascinava o mundo científico, mas toda a mistura complexa do chá.

Foi em abril de 2006 que começaram as primeiras medições.

O grupo da FMRP, hoje, se desponta como um dos mais ativos e reconhecidos na pesquisa com ayahuasca, mas não está sozinho. A posição particular do Brasil —com as religiões ayahuasqueiras e, de forma mais geral, toda a história do chá no país desde tempos pré-cabralinos— fazem com que a ayahuasca esteja entre os psicodélicos mais estudados no país. Não é uma surpresa que ele tenha sido a escolha do grupo de Ribeirão.

“Tanto pela facilidade legal de você fazer pesquisas com a ayahuasca”, explica Dráulio, “mas também de você ter a possibilidade de ter pessoas [nos estudos] que fazem

¹⁸ SANTOS. Rafael Guimarães dos. *AYAHUASCA: neuroquímica e farmacologia*. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.) v.3 nº 1: Ribeirão Preto, fev. 2007.

parte dos grupos religiosos” que usam a bebida e, por isso, já tem muita experiência com seus efeitos psicológicos e gastrointestinais.

“Essa experiência cultural que o Brasil tem com a ayahuasca com certeza facilita muito a possibilidade de você realizar pesquisa aqui”, explica. Isso enseja duas características das pesquisas com ayahuasca no país. Em primeiro lugar, está o número de pesquisas de campo que podem ser feitas com os grupos que bebem ayahuasca ritualisticamente —como mencionado anteriormente, grupos como a UDV vem se expandindo, principalmente em grandes centros urbanos.

A segunda característica tem a ver, justamente, com a familiaridade com os efeitos da bebida. Pesquisas como as que o grupo de Ribeirão iniciou em 2006 requerem que os voluntários entrem dentro de uma máquina de ressonância magnética. A experiência já induz ansiedade a muitos de nós não muito afeitos à sensação de confinamento; submeter-se à ressonância sob efeito de um psicodélico, então, pode parecer aterrorizante à maior parte dos não iniciados —o que não é o caso de adeptos de religiões ayahuasqueiras, que, em alguns casos, tomam a beberagem mais de uma vez ao mês.

Já de início, o trabalho em Ribeirão tinha dois eixos.

Um estava mais interessado em tentar identificar as “bases neurais” dos efeitos da ayahuasca —ou seja, entender qual a origem daquilo que é relatado por quem bebe o chá. As “mirações”, por exemplo: como essas visões aparecem no cérebro? Quais partes desse nosso órgão estariam envolvidas nesse mecanismo depois da ingestão da ayahuasca?

Uma segunda linha já se interessava mais pelos possíveis efeitos terapêuticos da ayahuasca. “Trazer pacientes com depressão que nunca tinham usado ayahuasca para dentro do hospital, e avaliar o benefício terapêutico de uma sessão com [a bebida] dentro do hospital” em pacientes que têm o que se pode chamar de “depressão resistente ao tratamento” —ou seja, pessoas que já tentaram ao menos duas medicações antidepressivas sem sucesso.

Em 2009, Dráulio trocou Ribeirão Preto por Natal, e a USP pela UFRN. Na universidade potiguar, viria a integrar o Instituto do Cérebro, uma unidade voltada a pesquisas em neurociências.

“Mesmo estando aqui no Brasil e tudo o mais, não tinha chegado... nunca tinha ouvido falar da ayahuasca até [Dráulio] me apresentar e dizer ‘olha, existe essa bebida que tem essas propriedades’.” Quem fala é Fernanda Palhano-Fontes, que terminava seus estudos em engenharia elétrica no mesmo ano em que Dráulio chegou em Natal. Ao contrário de pesquisadores como Dráulio, Fernanda não faz parte da leva de pesquisadores da ayahuasca

que têm algum envolvimento pessoal prévio com a bebida —pelo contrário, chegou nesse mundo já diretamente pela porta científica.

“Tinha o contato de leituras, de música, de filme. Muito mais do LSD, do uso de cogumelo, do que saber que no Brasil existia essa bebida que tinha um status legal. Nada disso eu sabia”, diz ela. “Realmente, foi Dráulio que me apresentou esse mundo.”

“Eu tinha feito um estágio na parte de engenharia em que trabalhava já com processamento de imagens médicas, e tinha achado interessante essa interface entre as ciências biológicas, medicina e a engenharia”. Levada pela curiosidade acadêmica pela área, ela, que tinha sido aluna de engenharia na própria UFRN, pulou para o Instituto do Cérebro.

Foi Fernanda que, sob a orientação de Dráulio, sistematizou um pouco do material coletado pelo grupo de Ribeirão com o uso da fMRI. Os dados formaram o insumo tanto da sua tese de mestrado¹⁹, defendida em 2012, quanto de um *paper*²⁰ de 2015.

O experimento da FMRP que gerou os dados analisados pela Fernanda contou com 10 voluntários saudáveis —ou seja, ainda não estamos tratando daqueles que sofriam de depressão— membros da Igreja do Santo Daime Rainha do Céu, em Ribeirão. A atividade neuronal foi observada antes e durante os efeitos da ayahuasca.

Fernanda conta que sua preocupação principal foi a “rede de modo padrão”, DMN na sigla em inglês (*default mode network*). A rede, explica a pesquisadora, é um conjunto de regiões do cérebro envolvidas em “pensamentos auto-referenciais, quando a gente está projetando o futuro, pensando no passado”. É uma área que parece estar conectada com devaneios, quando nossa mente se deixa levar por sonhos em vigília.

Foi justamente esse conjunto de regiões cerebrais que apresentaram conectividade e atividade menores durante o efeito da ayahuasca nos participantes de Ribeirão, observou Fernanda.

“Mais ou menos a mesma época que estava saindo esses trabalhos mostrando que os psicodélicos —não só a ayahuasca, mas a psilocibina, por exemplo— promovem alterações nessa rede, também tinha trabalhos mostrando que a [DMN] em pacientes com depressão também estava alterada”, explica a pesquisadora. E estava alterada para mais, com maior

¹⁹ PALHANO-FONTES, Fernanda. **Alterações da default mode network provocadas pela ingestão de Ayahuasca investigadas por Ressonância Magnética Funcional**. Dissertação (Mestrado em Neurociências). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 99 pp., 2012.

²⁰ PALHANO-FONTES, Fernanda; ANDRADE, Katia C. ; TOFOLI, Luis F. ; SANTOS, Antonio C. ; CRIPPA, José Alexandre S.; HALLAK, Jaime E. C. ; RIBEIRO, Sidarta ; DE ARAÚJO, Dráulio B. *The Psychedelic State Induced by Ayahuasca Modulates the Activity and Connectivity of the Default Mode Network*. *Plos One*, v. 10, p. e0118143, 2015.

atividade e conectividade quando comparada às redes de grupos-controle, formados por pessoas sem depressão.

A conexão entre a DMN e a depressão ainda não é completamente entendida, mas é como se a depressão prendesse a pessoa em pensamentos persistentes e negativos que teriam origem nessa sobreativação da rede de modo padrão. “Por outro lado”, diz Fernanda, “o que nós encontramos com o resultado do meu mestrado é que a ayahuasca reduziria essa conectividade, essa atividade.”

O grupo de Ribeirão, ainda com Dráulio, já havia feito também um “ensaio clínico aberto” (sem placebo, ou seja, tanto pesquisadores quanto voluntários sabem o que está sendo administrado), em que testaram ayahuasca em 17 pacientes com “depressão refratária” (aquele que aparenta ser resistente a tratamentos), tendo resultados auspiciosos.

O estudo dos 17 era diferente daquele analisado por Fernanda —seu trabalho até ali havia se ocupado das imagens de ressonância dos 10 voluntários saudáveis e membros de uma igreja do Daime. Ainda durante o mestrado, portanto, parecia natural partir para um teste clínico, com enfoque terapêutico, que pudesse realmente a ayahuasca à prova. Algo que, como o teste com os 17 de Ribeirão, pudesse analisar os efeitos da beberagem em pacientes que sofrem de depressão, mas, dessa vez, dando um passo a mais.

Foi então que o grupo em Natal, com a colaboração de pesquisadores de outras universidades (inclusive do grupo de Ribeirão), passou a conduzir um ensaio clínico, duplo-cego, placebo-controlado, para testar os possíveis efeitos antidepressivos da ayahuasca.

Clínico, pois foi realizado com voluntários humanos para a testagem de alguma substância; duplo-cego e placebo-controlado pois, diferente do estudo anterior, de Ribeirão, parte das pessoas recebeu um placebo, e nem voluntários nem pesquisadores sabiam de antemão quem recebia o quê.

A seleção de voluntários começou em 2014. Foi o primeiro estudo do tipo com um psicodélico no mundo.

Duplamente cego e os saguis que bebem ayahuasca rondonense

“A gente desenvolveu um placebo que até hoje eu acho que é o placebo mais comentado no mundo todo”, lembra a bióloga Nicole Galvão-Coelho, professora na UFRN que participou do estudo. “Não era o mesmo gosto da ayahuasca, que é muito difícil fazer igual, mas tinha um gosto amargo que lembrava o sabor da ayahuasca e induzia alterações gastrointestinais.” Como nenhum dos voluntários havia antes tomado a beberagem, não

conseguiam saber se recebiam o chá verdadeiro, ou a amarga coccção falsa preparada pelo grupo da federal.

Diferente dos dados analisados por Fernanda em seu mestrado, os voluntários desse novo experimento deveriam ser pessoas que sofriam com depressão resistente ao tratamento, e que nunca haviam tomado um psicodélico antes.

Um experimento com ayahuasca e pacientes nessas condições, àquela altura, já havia sido realizado em Ribeirão, com seis voluntários, mas sem o uso de placebo. Os pesquisadores observaram uma redução em até 82% em alguns *scores* padronizadas para sintomas de depressão, em medidas tomadas um, sete e 21 dias após a administração da bebida²¹

Nicole, que já vinha fazendo pesquisas voltadas para a saúde mental, tinha tanta experiência pessoal com a beberagem quando os pacientes voluntários do experimento que estavam montando. “Eu nem conhecia a ayahuasca, não tinha nunca nem ouvido falar”. Com um doutorado em psicobiologia concluído, ela passou a fazer parte do rol de docentes da UFRN em 2009, mesmo ano em que Dráulio estava se transferindo para terras potiguares, e procurando montar um novo grupo para continuar seus estudos com a ayahuasca.

O chá amazônico “não é um psicodélico de que você faz uso recreativo, então a gente ouve falar de LSD, a gente ouve falar até em chá de cogumelo, mas [eu] não sabia o que era”.

Nicole andava trabalhando com o *Callithrix jacchus*, o sagui-comum, um macaco do Novo Mundo originário do nordeste brasileiro, como animal de teste em experimentos ligados ao bem-estar e à resposta ao estresse. A ideia era trazer sua experiência nessa área, e usar o sagui num experimento paralelo para também neles testar os supostos efeitos antidepressivos da ayahuasca.

Foi assim que, no estudo clínico com humanos, Dráulio ficou responsável pela parte de neuroimagem, enquanto Nicole cuidou dos “marcadores biológicos” —substâncias que podem indicar modificações no funcionamento de um organismo. E, na parte do modelo animal com o sagui, Nicole foi a coordenadora.

O estudo clínico que queriam fazer seria um avanço com relação ao estudo aberto de Ribeirão, seguindo um desenho de pesquisa mais complexo; mas, antes, “a gente já começou de uma forma mais rápida com o sagui, para ver se a ayahuasca tinha um potencial

²¹ Flavia de L. Osório, Rafael F. Sanches, Ligia R. Macedo, Rafael G. dos Santos, João P. Maia-de-Oliveira, Lauro Wichert-Ana, Draulio B. de Araujo, Jordi Riba, José A. Crippa, Jaime E. Hallak. *Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report*. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2015, vol. 37, pp. 13–20.

antidepressivo comparando com o antidepressivo convencional” nesses animais, explica a bióloga.

E por que o sagui? “Porque ele é um animal que é mais próximo aos humanos, então, para um estudo de depressão, que é uma doença que envolve toda uma parte emocional e comportamental, seria um modelo mais fidedigno do que o roedor”, diz Nicole. Além disso, a UFRN tem um bom centro de primatologia, onde abundam saguis desse tipo: foram 15 animais que vieram do Laboratório de Estudos Avançados em Primatas (LEAP) da universidade.

Os saguis passaram por um processo de isolamento social de oito semanas, o que promoveu o surgimento de comportamentos tipo-depressivos —eles ficam mais sonolentos e têm alterações na alimentação, por exemplo. Além de observações comportamentais sobre os primatas, os pesquisadores também mediram o nível de cortisol nas fezes do sagui, já que se sabia que certos casos depressivos estão ligados a variações anormais desse hormônio.

Foi uma igreja da Barquinha em Ji-Paraná, Rondônia, que forneceu o chá: o *Centro de Regeneração Espiritual Casa de Jesus e Lar Frei Manuel*. Nove dos quinze saguis, depois de entrarem no estágio de isolamento social, receberam uma única dose da ayahuasca, na proporção de 1,67 mL por 300g, que, quando levada em consideração a diferença na taxa metabólica entre as duas espécies, é comparável à dose de 1 mL por quilo em seres humanos, usual em rituais ayahuasqueiros.

Os pesquisadores do grupo de Nicole observaram que uma única dose de ayahuasca já melhorou alguns dos sintomas relacionados aos comportamentos tipo-depressivos, principalmente nos saguis machos —estavam se coçando menos e se alimentando mais.²²

Os animais também tiveram alterações em seus níveis de cortisol, mas, nos saguis que receberam a ayahuasca, ele normalizou. “Foi o primeiro indício que a gente tinha que, além da resposta antidepressiva no modelo animal”, havia também “um ajuste do sistema de resposta ao estresse”, diz Nicole.

Já o estudo com humanos trouxe um pioneirismo ainda mais patente. Como dito acima, foi um estudo duplo-cego, placebo-controlado de um psicodélico clássico com pacientes com depressão. “Os estudos que vieram antes dele ou eram abertos, como foi o de Ribeirão, quando era com paciente com depressão, ou, quando [usavam] um placebo, foi com

²²da Silva FS, Silva EAS, Sousa Jr. GM, Maia-de-Oliveira JP, Soares-Rachetti VP, de Araujo DB, et al. *Acute effects of ayahuasca in a juvenile non-human primate model of depression*. **Braz J Psychiatry**. 2019;41:280-288.

pessoas saudáveis. Então ele foi o primeiro no mundo, não tinha com psilocibina, não tinha com LSD.”

Foram 29 pacientes voluntários: 15 em grupo de controle, que recebeu apenas placebo, e 14 em grupo que bebeu a ayahuasca fornecida pelo grupo da Barquinha em Ji-Paraná. Os pesquisadores investigaram vários marcadores biológicos para entender melhor o que estava por trás dos sintomas, e o que mudava com a ingestão da ayahuasca.

Eram “paciente resistentes ao tratamento, mais de 10 anos de depressão em média, mais de três tentativas de medicação, pacientes muito graves”, explica Nicole. Mas, assim como nos saguis, a análise dos biomarcadores demonstrou melhorias observáveis em pouco tempo após a administração.

48 horas depois da ingestão de ayahuasca, os pesquisadores observaram que a reação ao estresse havia normalizado. Pacientes com casos graves de depressão também costumam apresentar altos níveis de marcadores de ação inflamatória no sangue; há a hipótese de que a depressão pode ser também considerada uma doença inflamatória, porque “pacientes que já têm um quadro muito longo de depressão”, lembra Fernanda, “também têm mudança no sistema imunológico”. Dois dias depois de ingeriram a beberagem, “a gente observou uma resposta anti-inflamatória, e quanto maior foi a resposta anti-inflamatória, maior também foi a resposta clínica”, afirma Nicole.

Um dos focos na observação do grupo foi em marcadores de neuroplasticidade —ou seja, a modificação de células neuronais, a mudança e multiplicação de suas conexões, e, possivelmente, a formação de novos neurônios.

“Se especula que o paciente com depressão tem uma sintomatologia que a gente chama de ‘ruminação’, que é ele ficar preso no mesmo pensamento”, explica Nicole, ecoando um pouco do que Fernanda havia observado sobre a ativação da “rede de modo padrão. O paciente acaba tendo, continua a bióloga, uma redução em sua flexibilidade cognitiva —o cérebro enguiça nos pensamentos ruins. Mesmo a já mencionada inflamação em pacientes deprimidos pode levar à morte neuronal e à perda de conexões”

A hipótese era a de que psicodélicos, inclusive a ayahuasca, traria um retorno dessa flexibilidade cognitiva. “Tem algumas redes neurais que estão funcionando [nos pacientes com depressão] num padrão muito forte, e, na hora que se toma a ayahuasca, esse padrão deixa de ser mais forte, e tem uma maior possibilidade de você fazer conexões entre diferentes áreas do cérebro. Então isso seria uma forma de você facilitar a reinterpretação de um trauma, ou ter algum *insight* daquele problema”.

Em termos mais biológicos, de estruturas, esse retorno da flexibilidade, acreditam os pesquisadores, ocorre simultaneamente a algumas alterações biológicas: para formar novas novas conexões, são necessárias novas células, ou de novos “bracinhos” que as liguem umas às outras. É aí que entram as neurotrofinas, proteínas que, quando agem no sistema nervoso, potencializam esse recebimento neuronal.

“Hoje em dia, se especula muito que essa ação rápida dos psicodélicos na depressão se dá principalmente em função desse rápido aumento da neurotrofina, então estimular rápido a neuroplasticidade,” diz Nicole.

A neuroplasticidade pode ser indicada, dentre outras coisas, pela presença de proteínas como o “fator neurotrófico derivado do cérebro”, ou BDNF, na sigla em inglês (*brain-derived neurotrophic factor*) —molécula que, justamente, ajuda no crescimento e formação de novos neurônios.

Mas uma outra parte da bebida —a parte do cipó *Banisteriopsis caapi* o yagé— é composta por outros tipos de substância conhecidas como beta-carbolinas, cujos efeitos também vêm sendo estudados. “A harmina [uma dessas substâncias], por exemplo, isoladamente, já tinha sido testado em modelos animais e tinha mostrado um efeito também antidepressivo”, explica Fernanda.

Os resultados, portanto, não podem ser facilmente explicados por alguma via única de atuação do DMT no cérebro. “Por isso que a gente fez um desenho muito completo em que a gente fez uma série de medidas, tanto de exames de marcadores no sangue, na saliva, escalas de sono, polissonografia, ressonância magnética, vários questionários, para a gente tentar avaliar de maneira muito global, completa, diferentes aspectos que são alterados pela depressão” e sobre as quais a ayahuasca poderia atuar para modificar esses fatores e melhorar os sintomas depressivos, explica Fernanda.

“Eu diria que, no final, o que a gente consegue concluir é que não parece existir um único mecanismo que explica essa melhora”. Para a pesquisadora, mesmo mecanismos mais sutis, como a própria experiência que a pessoa teve durante a sessão de uso da ayahuasca, poderiam ser significativos. Coisas assim não são como o aumento em cortisol —algo devidamente observado pelo grupo —que pode ser medido por um exame de sangue. “São bem multifatoriais mesmo essas hipóteses que tentam explicar os efeitos.”

A hipótese de que efeitos subjetivos podem ser importantes e, em certo sentido, mediar a resposta terapêutica, já era algo que o grupo esperava. Fernanda lembra do grupo que foi chefiado pelo pesquisador Roland Griffiths, hoje já falecido, na Universidade John Hopkins, nos Estados Unidos.

Esse grupo desenvolveu um “questionário de experiências místicas” composto de 30 questões (*Mystical Experience Questionnaire*, o MEQ-30) para angariar dados sobre as avaliações subjetivas dos voluntários em estudos com psicodélicos.²³

Em linhas gerais, conta Fernada, os trabalhos do grupo de Griffiths mostraram que há uma correlação positiva entre a valoração mística das experiências e a melhora em quadros patológicos, como a adição a substâncias, a depressão e a ansiedade. Ou seja: quem encarava a experiência com lentes mais “místicas” tinha resultados melhores.

O MEQ30 foi um dos questionários aplicados pelo grupo da UFRN no estudo duplo-cego, placebo-controlado. A ideia era entender se, e como, o voluntário teve alteração da percepção visual, da percepção auditiva, como foram seus pensamentos e emoções —em resumo, tentar levar em consideração essa subjetividade da experiência com ayahuasca e psicodélicos em geral

O grupo achou uma correlação mostrando que os pacientes que tiveram mais alteração de percepção visual foram os que tiveram uma melhora mais acentuada dos sintomas sete dias depois. Mas é necessário cuidado na avaliação desses achados. “É apenas uma relação, não é causal”, explica Fernanda. “O número de pacientes é muito pequeno, a gente não consegue fazer uma inferência forte. Mas é um início de que, sim, o que está acontecendo ali durante a sessão é importante também”.

Discussões sobre causas multifatoriais para efeitos diversos de lado, Dráulio lembra que, dentre as observações mais importantes desde que o grupo começou a pesquisar a ayahuasca, é que existe uma resposta antidepressiva de início muito rápido, começando apenas um dia após a intervenção com o chá. Talvez esse seja o resultado mais importante do ponto de vista clínico, “porque todas as medicações antidepressivas que a gente tem no mercado hoje demoram pelo menos duas a três semanas para começar a fazer efeito”, lembra o pesquisador. “Você ter uma medicação que tem uma resposta rápida já é um resultado bastante interessante”.

Saguis na pandemia, DMT da Jurema e dividir para conquistar

Rafael Guimarães dos Santos, hoje professor da Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto, entrou para aquela equipe como um pesquisador pós-doc alguns anos depois de Dráulio deixar a cidade em direção a Natal. Ele conta que a hipótese mais forte hoje em dia

²³ O grupo de Griffiths usou o questionário, por exemplo, em pesquisas com psilocibina, como em Barrett FS, Johnson MW, Griffiths RR. *Validation of the revised Mystical Experience Questionnaire in experimental sessions with psilocybin*. *Journal of Psychopharmacology*. 2015;29(11):1182-1190.

continua sendo a de que a DMT seja o principal agente da ayahuasca no combate tanto à depressão quanto a outros males —mas quais são exatamente os caminhos que essa molécula toma em nossos corpos para atingir esses objetivos continua mais ou menos um mistério. “Na verdade, a gente não sabe como essas drogas fazem os efeitos que elas fazem — como é que uma mesma substância pode servir para a depressão, dependência de álcool, estresse pós-traumático.”

Não sabemos exatamente por quê, mas tanto a DMT quanto a psilocibina— o psicodélico dos “ cogumelos mágicos”, como o *Psilocybe cubensis*— quanto o LSD têm em comum uma coisa: atuam em alguns receptores de serotonina no cérebro —mais especificamente, o receptor 52-a— que estão envolvidos nesse processo de consciência, introspecção, auto-avaliação.

“Então algumas das hipóteses são que esses compostos trabalham justamente nessa área de como a pessoa vê ela mesma, seus próprios conceitos”, explica o professor da USP. Essas substâncias também aparentemente aumentam as espinhas dendríticas (protusões dos neurônios envolvidos na troca de informações) e ajudam a criar novas sinapses —a neuroplasticidade, da qual também falaram os pesquisadores do grupo da UFRN. Na ayahuasca, tanto o DMT da chacrona quanto as beta-carbolinas do cipó aparentam ter alguma ação nessa área.

“Existe uma linha de pesquisa que a gente também tem aqui [na FMRP], principalmente pré-clínico, ou seja, em animais, de que as beta-carbolinas —ou seja, a harmina, a harmalina e a tetrahidroharmina, que estão presentes no cipó, e, ao que tudo indica, não são alucinógenas ou psicodélicas— também têm um efeito antidepressivo, principalmente em modelos animais”, conta o professor. “Mas reforçando: isso é tudo ainda em modelo pré-clínico, em animal, em célula”.

O grupo da UFRN também resolveu continuar investindo na pesquisa com modelos animais —os seus saguis— mesmo depois do duplo-cego com voluntários humanos. Mas, dessa vez, o grupo de Nicole queria testar não mais um modelo de tratamento, mas um profilático —se os saguis aparentavam ter uma melhora em seus sintomas de tipo depressivo após tomar a ayahuasca, seria possível que a beberagem até os impedisse de desenvolver esses males?

Assim como o estudo anterior, os animais foram postos em isolamento, seguindo o protocolo que lhes induz comportamentos tipo-depressivos. Dessa vez, foi administrada aos

animais —àqueles que não faziam parte do grupo controle— não uma dose de ayahuasca, mas três: uma antes do isolamento, duas durante, sempre na proporção de 1,67 mL por 300g.²⁴

Os métodos de angariar os dados continuaram essencialmente os mesmos do experimento anterior com os primatas: a observação de mudanças comportamentais, e a medição do cortisol fecal.

Só que um paralelo curioso —e, talvez, um pouco assustador— brotou, fruto das reviravoltas no mundo. “A gente fez todo o protocolo [com os saguis], veio a pandemia, e o modelo de agente estressor era o mesmo que nós estávamos vivendo”, conta Nicole. Os saguis isolados, de uma hora para a outra, passaram a se parecer com boa parte de nós todos, presos em casa em 2020.

Os resultados foram animadores para o grupo: os saguis que receberam a beberagem demonstraram uma resposta ao estresse mais adaptativa do que o grupo dos isolados sem ayahuasca; as medidas comportamentais e os níveis de cortisol fecal se aproximavam mais dos grupos dos animais que foram mantidos com suas famílias. A ayahuasca, ao menos nesse modelo, nesses animais, demonstrou ter também um efeito profilático contra o desenvolvimento de sintomas depressivos.

Os estudos da ayahuasca, por outro lado, não estavam se provando um caminho sem pedras para o grupo da UFRN. A ideia, no início, era explorar esses efeitos da beberagem e entender o que essa substância, por si só, fazia na mente e no corpo humano —mas, se o grupo quisesse partir para o desenvolvimento de um tratamento eficaz e factível, o chá se apresentava alguns empecilhos óbvios.

É difícil padronizar um tratamento com a ayahuasca, explica Fernanda. “A gente sabe que tem mais de um tipo de cipó, que a concentração vai variada; até de grupo para grupo a concentração da ayahuasca é diferente”. Mudar a quantidade de DMT, e diminuir as beta-carbolinas, resultaria no mesmo efeito? Como chegar a um chá *standard*? Qual sua concentração?

Além disso, os efeitos físicos poderiam ser considerados “efeitos colaterais” bem indesejáveis em tratamentos medicinais clássicos. A purga dos rituais —ou seja, os vômitos— pode ser um desses. “A gente sabe que, no contexto religioso, eles têm seu propósito”, explica Fernanda, “mas, no contexto médico, se a pessoa vomita, isso é um efeito colateral, então é claro que isso também é um fator que interfere no tratamento.” A ayahuasca ainda tem, de

²⁴ de Meiroz Grilo MLP, Sousa GM, Mendonça LAC, Lobão-Soares B, Sousa MBC, Palhano-Fontes F, Araujo DB, Perkins D, Hallak JEC and Galvão-Coelho NL (2022). *Prophylactic action of ayahuasca in a non-human primate model of depressive-like behavior*. **Front. Behav. Neurosci.** 16:901425.

acordo com a pesquisadora, um risco de, em combinações com outras medicações, provocar uma “síndrome serotoninérgica” —um excesso de serotonina potencialmente fatal, que pode provocar sintomas como espasmos e alta temperatura corporal. É um risco teórico e, para a ayahuasca, quase sem relatos —mas ainda é uma possibilidade.

“A gente desenvolve estudos para poder validar uma terapia que possa ter utilização clínica”, esclarece Nicole. O tratamento precisa ser factível. A ayahuasca, como uma maneira de administração do DMT por vias orais, possibilitado pelas beta-carbolinas, tem uma duração relativamente longa. “Se a gente pensa numa terapia em que a gente passava com o paciente 6 horas”, como era o caso do experimento duplo-cego, “ela não é escalonável”. O envolvimento de várias pessoas para cuidar de um número relativamente pequeno de pacientes também aumenta os custos e diminui a aplicabilidade de possíveis terapias.

Além disso, algo mais sutil na ayahuasca pode ser um empecilho na hora de sua transformação num tratamento padronizado. Algo mais sensível que seus efeitos adversos e a dificuldade de sua aplicação em ambiente hospitalar.

“Existe toda uma questão de apropriação cultural e propriedade intelectual que é bem intrincada no caso da ayahuasca”, explica Fernanda. “Quem inventou a ayahuasca? Quem é o dono dessa invenção? Existem milhares de donos”. A carga histórico-cultural da bebida, ao menos para o grupo da UFRN, pareceu um tanto pesada para receber o tratamento farmacológico mais comum e padronizado. “Quando a gente pensa em trazer isso para dentro desse modelo da Indústria Farmacêutica, parece ser difícil da gente conseguir encaixar”.

Não que o trabalho com a beberagem tenha se demonstrado inglório ou infrutífero —na verdade, além de dar fortes argumentos para a eficácia da ayahuasca no tratamento da depressão, ele abriu caminhos e mostrou passagens.

“Eu diria que a gente partiu para estudar a DMT no sentido de tentar fazer o que a gente faz na ciência sempre: a gente simplifica para conseguir avançar”.

Foi um avanço inspirado pela ayahuasca —afinal de contas, a DMT está nela, e parece ser o principal componente para os efeitos psicodélicos da beberagem.

Mas, agora, a substância pura e simples não traz os problemas de padronização do chá, e, por isso, parece ser uma candidata mais confiável e promissora, se o objetivo for o desenvolvimento de um tratamento padronizado.

A DMT do grupo da UFRN, dizendo adeus às beta-carbolinas, agora é vaporizada e inalada. Apesar da importância da ayahuasca —nos dois *papers* sobre as pesquisas mais recentes que o grupo publicou em 2024, o chá e seus putativos efeitos antidepressivos foram citados—, a planta de origem nem mais é a chacrona: os pesquisadores agora a extraem da

Mimosa tenuiflora, a Jurema Preta, uma árvore encontrada em várias regiões da América Latina —no Brasil, mais comumente na caatinga, no nordeste.

A ideia é, ao mesmo tempo, manter efeitos psicodélicos e subjetivos —as alterações mentais— iguais ou bem similares aos da ayahuasca, mas com um tempo de efeito bem inferior ao da beberagem amazônica. Dar um basta às sessões de horas de viagem ayahuasqueira, concentrando os efeitos nalguns minutos cruciais para viabilizar algum possível tratamento futuro.

Em vez de ter um efeito que dura mais de 4 horas, como a ayahuasca, a DMT tem uma duração dos seus “efeitos agudos” (ou seja, a parte que poderíamos chamar de sua “viagem”) em 10 minutos, mais ou menos, fato bem lembrado pelos pesquisadores no primeiro *paper* que publicaram sobre a substância depois dessa nova guinada nas pesquisas²⁵. O que parece se adequar mais a um formato clínico, ambulatorial —e ainda sem a náusea e vômitos que soem acontecer nas sessões ayahuasqueiras.

Os trabalhos com a DMT começaram com um estudo “fase 1”, ou seja, avaliar a segurança da substância e as dosagens ideais com voluntários saudáveis. 27 voluntários saudáveis, com alguma experiência prévia com a substância (inclusive na ayahuasca), recrutados pela internet e no boca-a-boca, receberam DMT da casca da raiz da jurema preta por meio de um aparelhinho de inalação. Dessa fase, participou inclusive o jornalista Marcelo Leite, que relatou sua experiência em texto na Folha de S.Paulo²⁶. Nenhuma adversidade séria foi notada; os participantes relataram alguns efeitos psicodélicos —como mudanças na percepção visual—, mas os efeitos agudos se dispersaram em 10 a 20 minutos depois da administração.

Os resultados incentivaram o grupo a continuar o investimento na DMT, dessa vez com um experimento envolvendo novamente pacientes com depressão resistente a tratamento. Foram 14 pacientes; até agora, foi publicado um resultado preliminar, em que os pesquisadores analisaram os primeiros 6.²⁷

²⁵ Marcelo Falchi-Carvalho, Isabel Wießner, Sérgio Ruschi B. Silva, Lucas O. Maia, Handersson Barros, Sophie Laborde, Flávia Arichelle, Sam Tullman, Natan Silva-Costa, Aline Assunção, Raissa Almeida, Érica J. Pantrigo, Raynara Bolcont, José Victor Costa-Macedo, Emerson Arcoverde, Nicole Galvão-Coelho, Draulio B. Araujo, Fernanda Palhano-Fontes. *Safety and tolerability of inhaled N,N-Dimethyltryptamine (BMND01 candidate): A phase I clinical trial*. *European Neuropsychopharmacology*, Volume 80, 2024, pp. 27-35.

²⁶ LEITE, Marcelo. Repórter conta experiência de inalar DMT, psicodélico em teste contra depressão. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 22 jul. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/07/reporter-conta-experiencia-de-inalar-dmt-psicodelico-em-teste-contra-depressao.shtml>.

²⁷ Marcelo Falchi-Carvalho, Handersson Barros, Raynara Bolcont, Sophie Laborde, Isabel Wießner, Sérgio Ruschi B. Silva, Daniel Montanini, David C. Barbosa, Ewerton Teixeira, Rodrigo Florence-Vilela, Raissa Almeida, Rosana K. A. de Macedo, Flávia Arichelle, Érica J. Pantrigo, José V. Costa-Macedo, Emerson Arcoverde, Nicole Galvão-Coelho, Draulio B. Araujo, e Fernanda Palhano-Fontes. *The Antidepressant Effects of*

Os resultados, explica Fernanda, foram parecidos com o que eles observaram na ayahuasca, com alguns sinais de melhora aparecendo logo a partir do primeiro dia.

Essa celeridade nos efeitos, explica Fernanda, parece ser um destaque desse tipo de tratamento. Algo similar já foi observado em outros testes clínicos com psicodélicos: enquanto antidepressivos convencionais costumam demorar algo como duas ou três semanas para surtirem algum efeito, tanta a ayahuasca quanto a DMT, nos estudos do pessoal da UFRN, tiveram respostas mensuráveis já 24 após a intervenção. Neste estudo recente com a DMT, o grupo monitorou os pacientes por até 3 meses, e mais de 50% deles ainda apresentava uma melhora significativa ao final desse período.

“Eu diria também que esse resultado que a gente viu com a DMT vai um pouco além do que a gente tinha visto com a ayahuasca,” explica Fernanda, “porque, com a ayahuasca, a gente só conseguiu avaliar os pacientes até sete dias” —apesar de terem planejado outros retornos para observação, poucos pacientes de fato voltaram. Os três meses de observação do experimento recente, então, providenciam uma base mais robusta para a observação. “Claro que a gente vê que o efeito vai se perdendo ao longo do tempo”, com o retorno de alguns dos sintomas. “Mas, mesmo após os três meses, a gente ainda vê resultado significativo”, ainda mais impressionante dada a aplicação única da DMT, sem que tivesse sido um tratamento longo. “Não é que a pessoa tomou múltiplas doses, foi um único dia, uma única intervenção e que perdurou por bastante tempo.”

Os estudos com a DMT, por outro lado, ainda têm algumas limitações. A principal delas é que não há um “comparador”, explica Fernanda. Ou seja: nos estudos já publicados, usaram só a DMT, e, diferente do duplo-cega com a ayahuasca, tanto pesquisadores quanto voluntários sabiam do que se tratava. Além disso, os 14 pacientes envolvidos se configuram como um grupo ainda pequeno, longe dos testes mais robustos, que podem chegar a milhares de voluntários, feitos quando uma substância está já às vésperas de ser aprovada para uso clínico. No modelo atual, diz Fernanda, “a gente não consegue também fazer grandes generalizações”.

O resultado completo, com todos os 14 pacientes, ainda deve sair em *paper* que, no momento da redação deste livro, ainda está sendo corrigido. O grupo também fez um estudo com placebo, mas em pacientes saudáveis, cujo *paper* ainda não foi publicado.

O próximo passo é, a partir de 2025, partirem para um estudo placebo-controlado com pacientes, explica Nicole. “Para o ano que vem [2025], todo esse mesmo raciocínio que a

gente tinha na ayahuasca, que é investigar inflamação, resposta ao estresse, neuroplasticidade, ele vai ser investigado também. Na verdade, a gente [já] está fazendo as dosagens e as análises.” O grupo planeja aumentar, no protocolo criado para a DMT, o número de pacientes com esse quadro de depressão, chegando ao que são chamados de ensaios de “fase 3”.

Para isso, Nicole, Fernanda e Dráulio, junto a outros pesquisadores, organizaram o Centro Avançado de Medicina Psicodélica (CAMP), com o objetivo final de levar essas terapias com psicodélicos para o SUS²⁸.

Nicole conta que, no hospital Onofre Lopes, ligado à UFRN, já há um ambulatório que trata pacientes com cetamina, substância anestésica por vezes classificada como psicodélica —ou ao menos, como um psicodélico atípico. A cetamina foi sintetizada na década de 1960 nos Estados Unidos; seu uso na anestesiologia seguiu sua aprovação, em 1970, pela *Food and Drug Administration* (FDA) americana²⁹. No Brasil, a Anvisa em 2020 autorizou o uso do cloridrato de escetamina, substância com um princípio ativo similar à cetamina, para casos de depressão resistente a tratamento³⁰.

“Se a cetamina já está sendo utilizada, se já foi autorizada pela Anvisa, porque a gente um dia não poderá [ter] um psicodélico clássico?”, se pergunta Nicole. Para a pesquisadora, o modelo agora é trabalhar com esses psicodélicos de curta duração, como a cetamina e o DMT, o que facilitaria suas aplicações clínicas. Mas pondera: para os psicodélicos clássicos, pode haver ainda um longo caminho pela frente.

“Porque a cetamina é uma substância que já é utilizada na prática médica há muito tempo”, diz a pesquisadora. “Pra migrar da anestesia para a psiquiatria, a Johnson[&Johnson] investiu horrores”.

A empresa foi a principal responsável pela FDA aprovar o uso da cetamina nos EUA na forma de cloridrato de escetamina em 2019³¹, vendido na forma de um spray nasal sob o nome comercial de *Spravato*, um ano antes da supracitada aprovação da Anvisa para o mesmo fármaco. A medida, em linhas gerais, tirou a cetamina de seu feudo na anestesiologia,

²⁸ <https://www.camp-sci.com/pt>

²⁹ Rueda Carrillo L, Garcia K, Yalcin N, et al. *Ketamine and Its Emergence in the Field of Neurology*. Cureus 14(7), julho de 2022.

³⁰ Anvisa aprova antidepressivo inalável indicado para casos de depressão resistente a tratamentos tradicionais. Disponível em

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/11/03/anvisa-aprova-antidepressivo-inalavel-indicado-para-casos-de-depressao-resistente-a-tratamentos-tradicionais.ghtml>. Acesso em 3/11/2024.

³¹ *FDA Approves Johnson & Johnson's Ketamine-Derived Drug For Treatment-Resistant Depression*. Disponível em

<https://www.forbes.com/sites/elliekincaid/2019/03/05/fda-approves-johnson--johnsons-ketamine-derived-drug-for-treatment-resistant-depression/>. Acesso em 3/11/2024.

jogando-a também para as bandas da psiquiatria. Fora dessas aplicações, a substância também tem uma história de décadas no uso recreativo e no mercado paralelo.

“É uma substância alteradora de consciência”, lembra Nicole, e já recebeu o beneplácito para o uso clínico “Tem a cannabis, que já também ajudou um pouco quebrando essas barreiras” diz a pesquisadora. “Então acredito, sim, que, no futuro, a gente vai ter essas terapias com psicodélicos. Acredito muito no DMT por ser rápido, por ser algo que a gente consegue extraír de plantas que estão amplamente presentes aqui no Brasil. Agora, temos um caminho longo a seguir, que vai ser fazer estudos clínicos mais robustos, que possam ser apreciados, por exemplo, pela Anvisa.”

Não é algo ainda para 2025, avalia a cientista. “Eu acho que a gente tem um tempo nos anos pela frente, mas eu sou otimista nesse sentido, sim.”

A DMT, entretanto, não vem sem algumas dificuldades. A questão dos usos tradicionais e religiosos da ayahuasca serem uma espécie de carga na hora da pesquisa diminuem sensivelmente, mas não desaparecem completamente: a jurema preta, de onde extraem a substância, também tem seu uso como enteógeno —o culto da Jurema Sagrada, por exemplo, se destaca como o principal. É parecido —mas, evidentemente, não idêntico— com as religiões ayahuasqueiras em sua mistura de influências indígenas, africanas e cristãs; mas acaba tendo menos aderentes, e um espalhamento geográfico (o nordeste brasileiro) mais restrito.

Os trâmites legais, por outro lado, ficaram mais difíceis. Com a ayahuasca, não é necessária nenhuma autorização extraordinária para seu uso em pesquisas —a aprovação usual do comitê de ética da universidade ou instituto de pesquisa já basta.

Já a DMT está na “lista F1”, de substâncias entorpecentes de uso proscrito, da portaria da 344 Anvisa de 1998. Sua fabricação e comercialização são proibidas.

Os pesquisadores —da UFRN ou de qualquer outro lugar do Brasil— precisam de uma “Autorização Especial Simplificada para Instituição de Ensino e Pesquisa”, ou AEP, outorgada pela própria Anvisa, para seguirem com seus trabalhos com a DMT.

É uma situação em que a carga cultural da ayahuasca, talvez um estorvo em alguns momentos, ao menos servia como arrimo para a ciência em questões legais. Ao trocá-la pela DMT, o grupo de Natal já não conta mais com essa facilidade cultural brasileira de conseguir ayahuasca e de trabalhar legal e livremente com ela,

Escolhas e perdas; dividir e conquistar.

3. Ayahuasca contra a adicção, o peso dos rituais, e outras viagens

Universitários e álcool

“Eu conheci a ayahuasca quando eu tinha uns 20 anos de idade, durante a faculdade. E foi, digamos, o tipo de experiência que me fez estar curioso até hoje”. Quem diz isso é Rafael Guimarães dos Santos, professor e pesquisador da Faculdade de Medicina do Campus de Ribeirão Preto da USP (FMRP-USP). Ele faz parte de um grupo na USP que pesquisa os possíveis usos terapêuticos da ayahuasca. “Não sei se você já provou algumas dessas substâncias, mas os efeitos são muito diferentes do que a gente está acostumado, em sentido de alteração da percepção, de efeitos visuais, auditivos, alteração do pensamento, das próprias alucinações, de realmente, às vezes, com o olho aberto, você enxergar coisas no ambiente”, conta Rafael. Isso tudo me deixou muito curioso do ponto de vista científico, botânico. De onde vêm essas plantas, como elas são usadas, como podem pequenas moléculas causarem mudanças tão importantes na nossa mente?”

A experimentação na juventude levou Rafael ao estudo sistemático da beberagem. Fez a monografia de graduação e dissertação de mestrado sobre o chá. A ayahuasca o levou até a Catalunha, onde, na *Universitat Autònoma de Barcelona*, se tornou doutor —também pesquisando o chá amazônico, dessa vez sob a orientação de Jordi Riba, um dos nomes-chave no estudo internacional da ayahuasca.

Rafael entrou na USP como pesquisador de pós-doutorado em 2013, no campus de Ribeirão —à época, já estudava a ayahuasca havia mais ou menos uma década. Ali, se juntou a um grupo de pesquisadores que, também havia alguns anos, estudavam o chá —seus efeitos no sistema nervoso, o modo como ele afeta nosso corpo, nossos pensamentos, e suas possíveis aplicações na saúde mental.

Rafael se tornou professor doutor do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da FMRP, da USP, em 2023. Continua curioso com a ayahuasca até hoje.

A ciência com ayahuasca —ao menos a ciência séria— não tenta se apresentar como panaceia, como remédio milagroso. “Todos os potenciais terapêuticos da ayahuasca sendo estudados até o momento estão num nível preliminar”, alerta Rafael. Nenhum estudo, diz o cientista, nos dá bases sólidas para afirmar que a ayahuasca já pode ser usada como “remédio” para tratar qualquer transtorno específico.

Um pequeno experimento levado a cabo recentemente pelo grupo de Ribeirão Preto pode nos ajudar a entender o trabalho diuturno de quem labuta nessa área, e os resultados que

podem parecer, à primeira vista, pouco auspiciosos. O trabalho, ainda é uma “prova de conceito”³² —um teste prático, mesmo que em escala diminuta, de uma ideia teórica— foi relatado num *paper* publicado no *Journal of Clinical Psychopharmacology* em 2024.

Onze homens universitários em Ribeirão Preto foram recrutados entre julho de 2020 e setembro de 2023. Em avaliação dos *Alcohol Use Disorder Identification Tests* (AUDIT, um teste desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde), os selecionados apresentavam um consumo danoso de álcool. Foi-lhes dada uma única dose de ayahuasca, na quantidade de 1 mL por quilo do voluntário. A beberagem havia sido fornecida pelo *Centro de Regeneração Espiritual Casa de Jesus e Lar Frei Manuel*, igreja da Barquinha em Ji-Paraná, em Rondônia.

“Simples-cego” foi o desenho de pesquisa adotado. Trocando em miúdos: nesse experimento, os voluntários não sabiam se iam tomar o chá real, ou uma concocção amarga à guisa de placebo. Só os pesquisadores sabiam que, de fato, todas as doses eram reais.

Os voluntários deviam, então, registrar seu consumo alcoólico em intervalos de 7, 14 e 21 dias após o uso da ayahuasca, anotando o número de dias em que ingeriam álcool, e a quantidade em “unidades de bebida” —uma corresponde a uma lata de 350 mL de cerveja, a uma taça de vinho, ou a uma dose de 50 mL dum destilado.

Os resultados foram inconclusivos. Apesar de os pesquisadores terem observado uma ligeira redução em dias de consumo alcoólico entre a terceira e a quarta semana do experimento, essa mudança não se provou estatisticamente significativa.

O que, é claro, não resolve a questão, nem é o suficiente para jogar as pesquisas com ayahuasca em papos de aranha. No próprio *paper*, os autores salientam que o pequeno número de participantes (os onze) limitou o escopo do estudo. Além disso, estudos observacionais com grupos ayahuasqueiros em geral trazem relatos da ingestão de mais de uma dose do chá, e uma miríade de acessórios ritualísticos não englobados no experimento— a espiritualidade, as danças, os hinos, o que não foi realizado e analisado no experimento

Além disso, a pesquisa do grupo de Rafael não saiu do nada: alguns outros cientistas chegaram a apontar a possibilidade de que a ayahuasca, além de não parecer ser viciante, também pode ajudar nesse combate ao abuso de substâncias.

³² Rodrigues, Lucas Silva BSc; Reis, José Augusto Silva MD; Rossi, Giordano Novak MSc; Guerra, Lorena T. L. MSc; Maekawa, Renan Massanobu MD; de Lima Osório, Flávia PhD; Bouso, José Carlos PhD; Santos, Fabiana Pereira MSc; Paranhos, Beatriz Aparecida Passos Bismara MSc; Yonamine, Mauricio PhD; Hallak, Jaime Eduardo Cecilio PhD; dos Santos, Rafael Guimarães PhD. **Effects of a Single Dose of Ayahuasca in College Students With Harmful Alcohol Use: A Single-blind, Feasibility, Proof-of-Concept Trial.** *Journal of Clinical Psychopharmacology* 44(4):p 402-406, 7/8 2024.

Fabio Carezzato, médico e psiquiatra, em capítulo de livro de 2024³³, explica que muito da possível ação da ayahuasca no combate ao uso problemático de drogas tem a ver com as formas que o chá atua também no combate à depressão: seus efeitos positivos tanto no sistema de serotonina quanto no de dopamina.

Além disso, psicodélicos também provocam um aumento da *interocepção*, nosso conhecimento sobre o próprio corpo e seus estados. É como se essas substâncias abrissem um caminho na nossa mente —muitas vezes bloqueado em momentos de uso pesado de drogas—que nos fizesse retomar o contato com nosso organismo. “O reinvestimento no corpo é um caminho do tratamento, seja por pequenos cuidados, como beber água, se alimentar e evitar danos maiores pelo consumo de droga, seja por restabelecer um contato prazeroso por via de autocuidado, estética e mesmo por sensações.”³⁴

O autor também cita os próprios rituais ayahuasqueiros como potencialmente importantes: a “purga” pode fazer a pessoa se ver de outro modo, por exemplo; o sentimento de comunidade dos grupos, aliado às alterações de sensibilidade provocadas pela beberagem, podem servir de amparo e de catalisadores para alguma mudança comportamental.³⁵

É claro: tudo isso ainda está muito em aberto. O chá teria algum efeito na adição, ou isso são só relatos anedóticos sem valor estatístico real? Se há efeito, como ele ocorre?

E, o mais importante: se há um efeito real e benéfico, o que fazemos com isso? Como seria um tratamento psicodélico?

Plantas e cogumelos I

Pessoas andam bebendo ayahuasca no Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (CAISM) da Vila Mariana, na cidade de São Paulo, desde o segundo semestre de 2023.

É uma seleção criteriosa: são sempre usuários de álcool maiores de idade que estão preocupados com o seu “padrão de uso” etílico. No entanto, eles precisam estar em boas condições de saúde, tanto clínica quanto psiquiátrica. São necessariamente pessoas sem um histórico de uso de psicodélicos —para quem a viagem da ayahuasca pode ser mais impactante.

Antes de receber a ayahuasca, passam por uma sessão de “preparação terapêutica”. Falam de suas relações com o álcool, das motivações para o tratamento, de suas expectativas

³³ CAREZZATO, Fabio. *O uso da ayahuasca no cuidado de pessoas com uso problemático de drogas*. In: MAIA, Lucas de Oliveira; DIAS, Camila; VALÊNCIO, Luis Felipe; TÓFOLI, Luís Fernando (org.). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Ed. da Unicamp: Campinas, 2024, pp. 113-123.

³⁴ Idem, p. 118.

³⁵ Idem, p. 120.

com relação à ayahuasca, do que acham importante na vida. Depois, passam por uma “psicoeducação” para a sessão com a beberagem, em que contam o que já sabem —se sabem algo— sobre a ayahuasca, e recebem informações sobre efeitos e duração. Também passam por um exame médico. A partir daí, podem receber o chá.

Essa preparação acontece nas sextas-feiras; dois dias depois, no domingo, bebem a ayahuasca em sessão que dura cerca de quatro horas, durante as quais são observados por pesquisadores. A primeira vez em que bebem, tomam uma dose de 0,75 ml por cada quilo seu.

São estes que preparam o processo de “aterriagem”. Quem bebeu a ayahuasca passa por mais um exame médico, e, um dia depois, volta para uma “sessão de integração”, em que conversam sobre a experiência que tiveram 24 horas antes com o chá, e sobre como imaginam que isso possa ser integrado no processo de autocuidado e de tratamento para o alcoolismo em que estão envolvidos. Ainda fazem mais uma sessão sete dias depois; após um mês, podem repetir o processo, e tomar novamente a ayahuasca —na mesma dose, ou numa maior, de 1,25 mg por quilo. São acompanhadas por até 6 meses e têm seu consumo de álcool avaliado. Além disso, outros sintomas psicopatológicos, de depressão, ansiedade e estresse devem ser analisados, dentre outros. Ao final do processo, seus usos de álcool devem ser medidos por um “calendário de consumo”, um auto-relato sobre quanto se bebeu.

De forma resumida, esse é o desenho da pesquisa de pós-doutorado que Paulo Rogério Moraes, psicólogo e professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), leva em frente na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O estudo faz parte de um conjunto de pesquisas que também envolve experimentos similares com canabinóides e cogumelos de psilocibina, levadas a cabo pelo mesmo time na Unifesp que congrega 15 pessoas, entre psicólogos, psiquiatras terapêuticas, biomédicos e enfermeiros, a maioria voluntários, sob a batuta do professor Dartiu Xavier, veterano na pesquisa com ayahuasca.

Nas palavras de Paulo, esse é um “ensaio clínico, aberto, com seres humanos para verificar o efeito da ayahuasca como adjuvante no tratamento de alcoolismo”. A ideia vem dos resultados positivos que já foram observados —tanto anedoticamente quanto em estudos acadêmicos— no uso de psicodélicos (inclusive a ayahuasca em grupos religiosos) para o tratamento de adicção ao álcool e outras drogas.

Há uma série de diferenças entre os protocolos dos três experimentos, mas, no fim das contas, todos estão irmanados na mesma finalidade: fazer com que as pessoas com transtorno no uso de substâncias mudem sua relação com elas. Não necessariamente cessem o uso completamente, mas que tenham alguma reflexão sobre o uso nocivo, e sejam auxiliadas

nalguma mudança de padrão de consumo, explica Renato Filev, doutor em neurologia, também pós-doutorando na Unifesp, e coordenador do estudo com cogumelos para o controle do uso abusivo de tabaco.

Os voluntários foram selecionados a partir dum formulário de pré-triagem distribuído pela internet. As pesquisas, cujos delineamentos começaram ainda em 2023, acontecem dentro do PROAD, que é o Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes na Unifesp. Quanto conversei com Renato, em setembro de 2024, cerca de dois terços dos participantes tabagistas (dum total planejado de 15) haviam passado pelo protocolo com cogumelos; um terço dos alcoolistas (total planejado de 13), pelo da ayahuasca. A expectativa dos pesquisadores é que elas se encerrem em 2025.

Mas por que fazer pesquisas como essa? O que os leva a crer que a ayahuasca, ou outros psicodélicos, pode funcionar para combater a adição?

Diferente de pesquisas como as da UFRN, a metodologia do grupo da Unifesp não investiga bases neurológicas diretamente —há algumas medidas psicológicas, mas nada como os exames de ressonância magnética que os grupos de Ribeirão e Natal chegaram a fazer. Objetivos e métodos são diversos, e demonstram diferentes modos de se fazer ciência com a ayahuasca.

Mesmo assim, Paulo lembra, assim como citei mais acima, que alguns trabalhos voltados a observações neurológicas já apontaram que a participação da ayahuasca na melhora de quadros de dependência ao agirem no sistema de serotonina, em áreas relacionadas à motivação, à memória, e também à dependência. Além disso, há aquela já mencionada ação subjetiva da ayahuasca. “Uma característica de substâncias como a ayahuasca e outros psicodélicos é ter um efeito pronunciado sobre a atividade mental, a percepção que a pessoa tem de si mesma, da própria vida. E há evidências de que aspectos qualitativos da experiência psicodélica —o que a pessoa vivencia subjetivamente— têm impacto no desfecho da pesquisa”. São essas mudanças químicas, dum lado, e subjetivas, de comportamento, doutro, que vão resultar nas alterações de consumo do álcool, acredita Paulo.

Por outro lado, “quando a gente fala de religião, espiritualidade, a gente tá falando de uma dimensão de vida que envolve muitos fatores”, diz Paulo. Participar de um grupo religioso tem fatores que extrapolam a substância em si —há um apoio social duma comunidade, uma rotina de vida. Ainda mais do que isso, os pesquisadores esperam determinar —ou, ao menos, ajudar no avanço das explicações— até que ponto a ayahuasca tem um efeito por si só.

“A gente queria, dentro desse olhar psiquiátrico, entender o que de fato acontece, se isso [a diminuição no consumo de substâncias nocivas observada em frequentadores de grupos ayahuasqueiros] se repete dentro de um ambiente ambulatorial, ou se ele faz parte daquele ritual”, explica Renato. “A gente sabe que a substância em si já proporciona um fator de reflexão à pessoa. Mas [a gente quer saber] se aquele contexto relacionado ao uso da ayahuasca também é importante.”

De fato, há uma discussão sobre o peso dos rituais nessas supostas mudanças de vida proporcionadas pela ayahuasca, e sobre de que formas essas mudanças se realizam. E há quem os estude —mas com um instrumental um pouco diferente das pesquisas clínicas e biomédicas.

Breve intermezzo com Bruno Gomes e Marcelo Mercante

Depois de anos, Bruno Gomes ainda recebe mensagens de gente que ele viu deixar a rua.

Seu trabalho de mestrado em saúde pública na USP³⁶ se deu na *Unidade de Resgate Flor das Águas Padrinho Sebastião*, um grupo na cidade de São Paulo que, hoje já extinto, misturava influências do Santo Daime com práticas peruanas de uso da ayahuasca, o que resultava numa mistura eclética que envolvia purgas, plantas vomitivas, limpezas intestinais, banhos etc.

O trabalho acabou sendo uma confluência de interesses de Bruno. Foi ainda durante a graduação em psicologia, no Mackenzie, que ele ouviu da ayahuasca. Primeiro como uma curiosidade, uma vontade de experimentar algo novo, saber do que se tratava. Depois, como algo que lhe revelou algo sobre si mesmo.

A primeira vez que ele tomou o chá foi no Santo Daime. “Já na primeira vez, tive *insights*, sacadas sobre minha vida, relacionamento com a família, lembranças, pensando sobre o sagrado”, conta o psicólogo. “Tanto reflexões sobre o meu processo de vida, terapêutico digamos, mas também sobre o entendimento do mundo. Eu fiquei bem intrigado.”

“Mas ainda eu tinha esse incômodo com a questão cristã. Fui conhecer outros lugares, outros grupos, e para mim continua sendo muito importante. Tomo ayahuasca até hoje”.

³⁶ GOMES, Bruno Ramos. *O sentido do uso ritual da ayahuasca em trabalho voltado ao tratamento e recuperação da população em situação de rua em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Começou a estudar a beberagem ainda na graduação. Seus trabalhos com ela o levaram até o Acre e o Peru. Estava, ali, se iniciando uma relação que, até o momento, Bruno leva consigo para a vida.

Ainda durante a faculdade, começou a trabalhar também, com redução de danos relacionados ao uso de drogas na Cracolândia, na cidade de São Paulo. Passou a integrar o centro “Centro de Convivência É de Lei”, uma organização da sociedade civil voltada ao tema.

O impacto do trabalho em sua vida não foi pequeno. A adição em drogas é “uma área que, mesmo para quem tem grana, os tratamentos não funcionam muito”, conta ele. Para quem está em situação de rua, como as pessoas que atendia na “É de Lei”, com todo o estigma, a barra era ainda mais pesada.

As experiências se somam. Os mundos que Bruno habitava se colidiram de verdade quando estava planejando seu mestrado. “Fiquei: ‘Nossa, que impressionante essa bebida, será que ela cura mesmo? Será que ela poderia ajudar essas pessoas com quem eu venho trabalhando?’”, se perguntou.

Passou a levar pessoas do centro de convivência ao grupo ayahuasqueiro, e entrou no mestrado em Saúde Pública na USP para estudar como o uso ritual do chá nesse grupo é usado nesses casos de dependência química.

Vendo o trabalho do grupo, ficou impressionado com algumas transformações. Alguém que ficou anos na rua, que chegou a ser preso usando crack, por exemplo, morando em ocupação em frente a biqueira, sem recair.

Bruno qualifica seu trabalho como uma “etnografia, observação participante, [com] entrevistas em profundidade”. Ele acompanhou as várias práticas que tinha o grupo *Flor das Águas Padrinho Sebastião*, “desde levar os caras para o sítio, a dieta, essas limpezas e os rituais com ayahuasca.”

Sua observação se ateve mais a dois casos: Paulinho, que estava na rua há anos, tinha problema com uso de álcool; Rogério, também em situação de rua, tinha problema com uso de cocaína e crack³⁷. O objetivo era, sim, entender o papel da ayahuasca; mas dela na relação com o grupo, com o curandeiro, e a importância dos outros elementos empregados pelo grupo, como as dietas.

Na conclusão de sua dissertação, Bruno contou um pouco sobre esse peso desses elementos acessórios à ayahuasca que observou durante sua pesquisa:

³⁷ Também na dissertação de Bruno, os entrevistados são tratados apenas por esses prenomes.

Enquanto a noção farmacológica trabalha em cima da ação de uma substância sobre o corpo humano, aqui se tem diversos elementos que vão agir em conjunto para construir a experiência de cura: o chá, as relações entre os participantes, as características do ritual e do curador, o momento que a pessoa está vivendo, incluindo nisso sua preparação antes do ritual e a forma como viveu seu cotidiano no período anterior, etc. Todas estas características apareceram, tanto nas entrevistas como na observação dos trabalhos, como fundamentais para construir a experiência de cura.³⁸

Em conversa comigo, em outubro de 2024, ele também me relatou que, no grupo que acompanhou, havia um entendimento de espiritualidade, de que “o chá é uma planta viva que fala com você, que te ensina, te ensina através da peia [os efeitos físicos, muitas vezes desagradáveis, como vômitos e diarréias], te ensina através do que você vê.”

Para além da ação da ayahuasca sobre os sintomas de depressão e dependência química, “eu vejo que tem um efeito dentro de um processo psicológico, mas um processo também de concepção da pessoa no mundo e de cuidados sobre si”.

As pessoas em situação de rua presentes em seu mestrado são gente sob imensa vulnerabilidade, que sofrem com um estigma muito grande, e que vivem muito “presentificadas” —com a cabeça no hoje, porque lutam diariamente pela sobrevivência. Fica difícil pensar no depois, juntar dinheiro para sair dessa situação.

Bruno diz que os elementos da ayahuasca e do ritual “foram permitindo às pessoas poderem se sonhar de uma outra forma, se imaginar de uma outra forma, então poder sair daquela coisa tão presentificada da sobrevivência diária e sonhar com outras formas de ser.”

Aos poucos, isso foi virando um processo de sair da rua. “Um foi para ocupação, outro foi fazer um trabalho numa associação, tipo umas oficinas, ganhando um dinheirinho.”

O processo não é perfeito, e envolve, justamente todo esse contexto ritual e de relações interpessoais que foram criadas com o tempo. Um dos homens que Bruno acompanhava voltou para a rua em 2013, quando morreu o curandeiro Walter³⁹ do *Flor das Águas Padrinho Sebastião*. “Ficou mal, foi o jeito dele viver o luto, voltou a usar droga”.

Até 2011, Bruno teve esse envolvimento pessoal e profissional com o grupo —levava algumas pessoas, e acompanhou mais de perto os dois casos que relatou no mestrado. Nesse ano, em que concluiu a pesquisa, Walter se aposentou, e passou o bastão para Bruno. Este aprendeu daquele um pouco sobre o preparo da ayahuasca e os rituais, e seguiu com o grupo até 2016, quando deixaram de ter o sítio em que grande parte dos trabalhos era realizada. O grupo se desmobilizou aí.

³⁸ Idem, p. 162.

³⁹ Idem acima, Walter é tratado na dissertação apenas pelo prenome.

Bruno ainda toma ayahuasca. Diz que há uma separação entre essa parte de sua vida e sua atuação profissional mais geral como psicólogo. Mas ainda convida pessoas, com ou sem problema com drogas, a tomar ayahuasca. “E venho tomando ayahuasca até hoje, [é uma] ótima parceria de vida. A ayahuasca é uma super planta para mim.”

Na banca de sua defesa de mestrado na USP, em 2011, além do orientador Rubens de Camargo Ferreira Adorno (professor da Faculdade de Saúde Pública da USP), sentaram-se Edward MacRae (antropólogo com milhagem no estudo de drogas) e Marcelo Mercante. Este último é aquele estudante de biologia que havia ouvido falar da ayahuasca enquanto acampava em Trancoso. À época da defesa de tese de Bruno, já era um antropólogo com anos de estudo e experiência em primeira mão em grupos ayahuasqueiros.

“Eu meio que larguei a academia de mão, e hoje em dia eu tô trabalhando atendendo pessoas que tem problema com dependência, que tem problemas com depressão”, me contou Marcelo. Seu envolvimento com a religião se entrelaça ao seu trabalho —hoje sustado— como antropólogo.

Seu trabalho tocou em alguns pontos comuns ao de Bruno —como a ayahuasca aparentemente provoca uma mudança de consciência que faz com que a pessoa tenha uma facilidade maior em largar alguma droga de abuso que esteja lhe fazendo mal. Ou, ainda de forma mais abrangente: como a ayahuasca pode mudar a forma de ser e de estar no mundo.

Marcelo fez um pós-doc na USP, de 2009 a 2012, em que estudava, assim como Bruno, as aplicações do chá no tratamento da dependência química.

Ele entrevistou um homem que estava sendo atendido no *Céu da Nova Vida*, uma casa daimista em Curitiba. O sujeito, um assaltante de banco, e ele era bandido, havia sido expulso da gangue que integrava depois de começar a usar crack.

“Começou a fazer carreira solo, foi preso”, conta Marcelo, que também narrou a história em seu livro fruto do pós-doc.⁴⁰ O rapaz, depois de solto, foi bater na porta do centro daimista, onde recebeu um tratamento que envolveu ayahuasca.

“Saiu da história do crack, cocaína, álcool e tudo mais”, conta o antropólogo. “E, quando eu entrevistei ele, foi uma das entrevistas mais legais que eu fiz. E eu fiquei com uma coisa na minha cabeça: um cara que já teve grana pra cacete, tava acostumado a viver bem —o cara era ladrão de banco, então ele tinha dinheiro— de repente ele estava trabalhando numa oficinazinha, ganhando uma merreca por mês e levando a vida humilde —e feliz. Como é que o cara muda a cabeça dele assim?”

⁴⁰ MERCANTE, Marcelo S. *Reflexos: Ayahuasca, espiritualidade, imaginação e dependência*. Salvador: Edufba, 2021.

Foi aí que Marcelo passou a pensar mais seriamente nessa história da ayahuasca na ressocialização de detentos. Mas, antes, explorou mais essa relação entre a beberagem e presos (e ex-presos) num outro pós-doutorado.

Entrevistou apenados em Rondônia que faziam parte de um projeto da ACUDA (Associação Cultural e de Desenvolvimento do Apenado e Egresso), uma ONG em Porto Velho. Por meio desta instituição, os presos aprendiam e praticavam alguns ofícios. Trabalhavam em tecelagem ou consertando motos, por exemplo. Também passavam por uma parte terapêutica, que podia envolver coisas como banhos de lama, ou massagens que faziam uns nos outros.

Por um tempo, tomaram ayahuasca. Era na supracitada Barquinha de Ji-Paraná, comandada por Edilsom Fernandes. Pegavam uma van e, com autorização judicial, levavam cerca de 10 pessoas para a cidade a cerca de 360 km de Porto Velho, para participar do ritual.

O trabalho de Marcelo junto da ACUDA foi um pós-doc na Unifesp em 2018, no programa de saúde coletiva, sob a supervisão do professor Pedro Paulo Pereira. Ele entrevistou uma dezena de apenados que haviam tomado ayahuasca na Barquinha de Ji-Paraná; juntou seu material com algo que a psicóloga Maria Cecília Junqueira, que trabalhou na ONG, colheu, e escreveu um livro sobre o processo, que ainda aguarda publicação.

Suas pesquisas com o grupo tomaram por base as mirações durante a viagem com a ayahuasca, a imaginação, a relação entre mente e corpo, a consciência. Ele queria descobrir o que aqueles presos estavam vendo durante esses tratamentos, e como isso acabava atrelado ao processo de ressocialização deles.

O que ele encontrou refletiu em grande parte o que ele já vinha observando em suas pesquisas com ayahuasca e dependência. Os apenados com quem conversou que já estavam em liberdade viviam vidas bem diferentes depois da prisão, conta Marcelo.

“Eu entrevistei gente que tinha tido muita grana na vida. Matador, estuprador. É muito surreal a gama de pessoas que eu topei lá”. Fora da prisão, conta o pesquisador, muitos deles retomavam a vida em trabalhos simples, em que ganhavam o suficiente para viver. Alguma coisa parecia ter mudado em suas mentes.

De acordo com Marcelo, outras mirações que lhe foram relatadas seguiam mais ou menos o mesmo *script*: serviam como revelações para a própria pessoa sobre o significado de seus atos, permitindo uma perspectiva de alteridade. Como se a beberagem lhes dissesse: esse foi o mal que você fez; é assim que suas vítimas se sentem.

Nesse sentido, o processo da ayahuasca pode ser visto como um processo de pacificação, simplesmente. “Eu to enquadrando a pessoa para que ela fique mansa, saia dessa onda mais egoísta, mais revoltada, que acaba resultando no crime ou na droga”.

Mas não é exatamente assim que Marcelo vê toda a história. “A ideia não é que o cara fique bonzinho pra facilitar a história para a sociedade. A ideia é que o cara se resolva consigo mesmo. Junto com essas histórias de crime, violência, tem várias histórias de vidas absurdamente sofridas, de violência doméstica, de quando era criança, de privações absurdas”, diz o antropólogo. É nesse ponto que a ayahuasca toca. “Ela vai tocar no crime, vai dizer ‘olha, isso que você fez não é legal’. Isso é recorrente nas experiências, mas ela vai tocar nessa pessoa sofrida que em algum momento se endureceu a ponto de matar alguém e não estar nem aí. E ela vai lá e vai transformar a vida da pessoa.”

Ele também enfatiza que não parece ser a ayahuasca a única responsável por essa transformação, mas todo o trabalho terapêutico da ACUDA, junto do ritual providenciado pela Barquinha —dependendo do tipo de revelação, a ayahuasca acaba sendo mesmo indissociável do ritual.

“Que [o chá] abre as portas da percepção, abre. Mas, depois que cê passa a porta, o que tem dentro lá do outro lado não é mais do chá”. Há quem diga que, do outro lado, há a sua psiquê, seu inconsciente; outros, veem na viagem um elemento místico. “Para mim, tem a ver com a espiritualidade. O que está do outro lado da soleira dessa porta está profundamente conectado com a espiritualidade. E essa espiritualidade é manipulada pelo ritual”. Marcelo acha que é possível, mesmo dentro de um estudo clínico, como aqueles em Ribeirão e em Natal, haja uma experiência espiritual. “Mas eu tenho certeza que essas experiências são muito mais profundas, e talvez você tenha entendimentos muito mais profundos sobre elas, dentro de um ritual”.

Apesar da importância essencial do ritual, Marcelo também vê as pesquisas pré-clínicas e clínicas como maneiras valiosas para se entender os caminhos bioquímicos, e até para, no futuro, se ter mais liberdade com relação ao uso do chá. “Mas, se você quer ir além, aí eu acho que você começa a ter que entrar na área de Antropologia, [porque] você vai lidar com narrativa, você vai lidar com as diferenças pessoais e você vai ter condição de entrar pra dentro de uma igreja, aí fazer uma pesquisa sobre aquela população. Você vai entrar num outro tipo de metodologia de pesquisa mesmo, que vai te dar uma outra visão da história.”

Bruno tem visão semelhante. Ele continua suas investidas acadêmicas nos estudos sobre as possíveis aplicações terapêuticas de psicodélicos —em 2021, concluiu um doutorado na Unicamp sobre o uso da ibogaína, uma planta africana também com propriedades

alucinógenas. Para ele, as pesquisas da área biomédica têm muito a contribuir na desestigmatização da ayahuasca. Mas, para o psicólogo, o ideal seria um diálogo maior entre os campos de estudo. “O que a gente acaba tendo é os estudos mais biomédicos, quantitativos, tendo muito mais destaque, e os outros sendo mais secundários. A gente precisaria ter mais diálogo, e diálogo com os saberes tradicionais, até para a gente poder entender com mais profundidade o uso dessa planta.”

Ambos os pesquisadores representam facetas da pesquisa com ayahuasca que extrapolam os laboratórios dos ensaios clínicos e pré-clínicos. Assim como as pesquisas de Luiz Felipe Valêncio —o biólogo mestre em psicologia e saúde que trabalha com bioética— esses são trabalhos que lançam mão da antropologia, da etnografia, da psicologia, não necessariamente da psiquiatria e das ciências biomédicas. Mas também levam a caminhos de descoberta da planta.

O trabalho de Marcelo com a ayahuasca foi o levando cada vez mais para esse lado, até fazê-lo deixar a academia de lado. Hoje, ele é dirigente na cidade de São Paulo de uma filial do *Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte*, da Barquinha da madrinha Francisca (um dos grupos que se originaram da Barquinha original acreana, mas que não são atrelados a ela). Também trabalha com um atendimento a dependentes químicos. Faz um tratamento com kambô, uma secreção produzida pela perereca amazônica *Phyllomedusa bicolor*, e com a ayahuasca. Caracteriza essa parte de seu trabalho como uma “orientação espiritual”. Mas não vê esse tipo de trabalho como algo que cubra todas as bases —acha essencial que seus tratamentos sejam acompanhados de um terapeuta e/ou psicólogo.

Ele crê que a ayahuasca funcione —e, por isso, a usa hoje em seu trabalho— porque ela “te traz para dentro”. “Você vai reviver traumas, momentos da tua vida geralmente conectados com a infância, coisas que foram te empurrando na direção de você hoje estar com problema de abusos de substâncias”.

É como se o chá colocasse um espelho na sua frente, e falasse: “olha, a tua vida tá desse jeito. Você tá assim, você é assim”, diz Marcelo. “O espelho de fora você ignora, você vira as costas e vai embora. O espelho, quando ele vem de dentro, tu é obrigado a olhar”.

Plantas e cogumelos II

A pesquisa com cogumelos é a que anda mais avançada no grupo de Paulo e Renato na Unifesp enquanto redijo este livro, no segundo semestre de 2024. Nela, Renato diz que já

conseguiram perceber alguma redução no consumo de tabaco dos voluntários, mas não tem certeza se ela vai se demonstrar, ao cabo, significativa.

Um estudo conduzido pelo professor de psiquiatria Matthew W. Johnson na Universidade John Hopkins, nos Estados Unidos, cujo *paper* foi publicado em 2014⁴¹, testou a eficácia de psilocibina sintética para a redução do uso de tabaco. Os pesquisadores identificaram uma taxa de abstinência de 80% nas observações que fizeram com os voluntários após seis meses do uso de psilocibina. Renato explica que, em parte, o trabalho do grupo da Unifesp é trazer esse tipo de pesquisa para o Brasil.

“Eu não acredito que a gente vai chegar nesse resultado. Até agora a gente não evidenciou isso. Por várias questões. O delineamento deles, o desenho experimental deles é diferente, a população é diferente, o fármaco que eles dão é fármaco sintético, o nosso é um cogumelo desidratado. Então tem vários fatores ali que vão fazer com que a gente discuta essas diferenças”, diz ele, fazendo comentários que, enfatiza, ainda são preliminares, e apenas sobre o grupo dos cogumelos. “Mas, de alguma forma, a gente também percebe uma redução no consumo. [Além disso,] a gente percebe a alteração de outros parâmetros na vida dos participantes, positivos, e não apenas relacionado ao uso de tabaco deles”. Ele conta que a maioria dos participantes classificou a experiência como positiva, e que isso parece ter influenciado fatores diversos da vida delas —mudança de percepção, de comportamento, de personalidade. Conta que pareciam gratas por ter participado.

As pesquisas de Paulo e Renato não pretendem criar, de uma hora para outra, algum tratamento para ser levado ao SUS, ao algo do tipo. Ele se insere mais confortavelmente nos trabalhos com ayahuasca que tentam entender como a beberagem pode mexer com o ser humano, como nos afeta e transforma.

Paulo lembra que, do ponto de vista de ciências biomédicas tradicionais, é muito difícil trabalhar com a ayahuasca. A beberagem é um artefato cultural que é adaptado e modificado pelos grupos em que é adotado, o que o faz ter diferentes composições em diferentes contextos. “Por isso, acho bastante improvável de forma rápida a ayahuasca sendo incorporada a essa ciência psicodélica, essa retomada dos psicodélicos”, diz Paulo. “É muito mais palatável para a metodologia biomédica atual a substância pura, trabalhar com o DMT puro, e não com todo o composto”.

Além disso, sua administração é um problema logístico —o protocolo montado pelo grupo de Paulo fornece ayahuasca a dois pacientes ao mesmo tempo, com o acompanhamento

⁴¹ Johnson MW, Garcia-Romeu A, Cosimano MP, Griffiths RR. *Pilot study of the 5-HT2AR agonist psilocybin in the treatment of tobacco addiction*. **J Psychopharmacol**. 2014 Nov; 28(11):983-92.

de três profissionais. O modelo, explica Renato, tenta propositadamente diminuir os custos: “seria uma realidade mais próxima do SUS do que um tratamento individualizado.” Mesmo assim, como no experimento do grupo da UFRN, é um desenho que funciona bem para a pesquisa, mas que traz desafios para o emprego numa situação clínica rotineira.

Agora, isso não impede de todo que quem trabalha há tempos com ayahuasca e outros psicodélicos matute sobre possibilidades para o futuro —algo que não é o objetivo explícito de suas pesquisas no presente, mas com o qual esperam que seus esforços possam contribuir.

“No Brasil, a gente tem as religiões ayahuasqueiras, que fornecem ayahuasca para grandes quantidades de pessoas” lembra Paulo. Uma dessas estratégias para o futuro —ainda apenas uma ideia, discutida entre quem pesquisa na área— seria se juntar a esses grupos na administração de ayahuasca, sem que isso levasse necessariamente à criação de todo um novo sistema clínico para terapias com ayahuasca. Um grupo médio de ayahuasca oferece a beberagem de uma vez a 30 pessoas, aproximadamente, como em torno de meia dúzia de pessoas tomando conta. Esse tipo de *know-how* e de estrutura poderia ser usado também em terapias psicodélicas, imagina o pesquisador. “Esses grupos fornecerem a ritualística e a substância, e a parte psiquiátrica e psicoterapêutica ficar com profissionais que ofereceriam seus serviços fora desses ambientes, em outros momentos.”

É claro: esses grupos ayahuasqueiros hipotéticos teriam de ser regulamentados em alguns procedimentos de segurança e aplicarem condutas éticas específicas para esse tipo de trabalho. Mas é uma possibilidade.

Renato lembra também do modelo das “Farmácias Vivas” um programa do SUS idealizado pelo professor e farmacologista Francisco José de Abreu Matos, da Universidade Federal do Ceará (UFC), voltado para a distribuição de fitoterápicos e plantas medicinais. Hoje espalhado em vários municípios, ele poderia “através de relações com universidades, com arranjos produtivos locais, com agricultura familiar, produzir insumos farmacêuticos, seja cannabis, seja cogumelos ou até os princípios da ayahuasca de uma maneira pública, gratuita para as pessoas que mais precisam, orientada a partir de informações científicas”, propõe o cientista.

Assim, Renato acha importante esse entendimento intercultural, essa reorganização do pensamento. Os cogumelos brotam espontaneamente por todo o planeta; a ayahuasca já era usada por indígenas na Amazônia muito antes de qualquer outro povo encontrá-la. “É uma tecnologia que nasce a partir da experimentação humana da fauna e da flora” já de forma milenar, explica o pesquisador, e “hoje a gente vem através da nossa linguagem acadêmica.

biomédica, tentando também compreender os seus efeitos acrescentar algo à profundidade que tem nessa relação.”

O pesquisador lembra que tanto o cogumelo quanto a ayahuasca são consideradas “espécies de poder”, com uma sabedoria tida como intrínseca a elas. Um tipo de biotecnologia. “E isso, de certa forma, tá aqui muito antes dos humanos, e não somos só nós humanos que utilizamos essas plantas. Elas estão aí para outras espécies também utilizarem, e utilizam há muito tempo. Então a gente simplesmente quer traduzir para essa linguagem acadêmica, cartesiana, positivista.”.

A pesquisa do grupo deve servir, diz ele, para mostrar que essas espécies, que existem muito antes de qualquer intervenção humana, podem servir, de alguma forma, como lenitivo para as nossas dores, sem que sejam patenteadas para gerar lucro.

O intuito, em suas palavras, “não é nem vender ayahuasca, nem comercializar cogumelos, nem patentear um extrato de maconha, a ideia é mostrar que compostos naturais também têm propriedades terapêuticas relevantes, e que dentro de uma ótica de um Sistema Único de Saúde popular, universal, como no Brasil, eles podem ser absorvidos sem a necessidade de envolver uma empresa que vai produzi-los”.

São possibilidades, esquemas para um futuro possível. Por enquanto, o trabalho diário de pesquisa continua.

4. Interconexão

O duo de violões flamencos Strunz & Farrah encontra o britânico e polialesco Sting, além de uma versão brasileirada de *Here Comes the Sun*, do beatle George Harrison, tudo numa mesma *playlist* do Spotify de músicas instrumentais.⁴²

Uma lista ao lado⁴³ traz canções cantantes —a música caipira de Almir Sater encontra o tropicalista Caetano Veloso e o pop belorizontino do Jota Quest, *et al.*

“Acho que, primeiro, a gente sempre teve muito respeito, e eu diria que, de certa maneira, a gente buscou integrar um pouco o que se faz nesse uso tradicional, principalmente no uso tradicional de religiões ayahuasqueiras”, diz Fernanda Palhano, da UFRN. Ela fala da relação entre suas pesquisas e os grupos ayahuasqueiros.

As *playlists*, para serem tocadas durante o experimento duplo-cego do time da universidade potiguar, ilustram um pouco dessa troca. Diz Fernanda que, “durante a sessão, a gente tinha momentos em que a voluntária podia escutar música. A playlist foi criada por um dos autores do *paper* [de 2019] e que tinha sido membro da UDV, da União do Vegetal”, o Luís Fernando Toffoli, que hoje é professor da Unicamp e faz parte do Icaro. “Então ele se inspirou no que acontecia lá na UDV e selecionou as músicas do estudo com base nisso.”⁴⁴

Houve sempre muito respeito envolvido na relação com os grupos ayahuasqueiros, diz Fernanda, o que é necessário, “uma vez que você está trazendo o sacramento daquela pessoa para dentro do hospital, retirando de contexto”.

Para um católico seria como se lhe disséssemos “vou começar um ensaio clínico com a hóstia dentro do meu hospital, em que metade das pessoas vai comer uma hóstia benzida, e a outra metade vai comer um biscoitinho sem ser benzido”, exemplifica Dráulio. “De que maneira essa comunidade iria receber esse projeto? Então eu entendo que é o mesmo tipo de respeito”.

Respeito, mas também uma interconexão, como no exemplo das *playlists* inspiradas nas sessões da UDV. “Um outro elemento que a gente trouxe também que é muito comum quando você vai a um trabalho, por exemplo, no Daime, é que a gente orientava as pessoas a terem uma intenção”, conta Fernanda. os pesquisadores da UFRN tentavam salientar, para as pessoas que se voluntariaram para o estudo, a introspecção daquele momento com a ayahuasca, e que seria interessante que ela tivesse uma “intenção”, que “poderia ser um

⁴² <https://open.spotify.com/playlist/5wAyiC2RvBpbZUZeLMERza>

⁴³ <https://open.spotify.com/playlist/6sRsIxM4oNEpCPSFDQxAJB>

⁴⁴ O que não quer dizer que as músicas usadas durante o experimento são ou foram usadas em rituais da UDV; apenas que houve uma inspiração por parte dos cientistas nesse aspecto musical da religião.

pedido, um questionamento, uma coisa dela com ela mesmo que ela não precisava compartilhar com a gente, mas que poderia servir ali de fio condutor”.

Os pesquisadores davam algumas instruções para o bem-estar também, como se concentrar nas músicas durante os momentos mais desafiantes da viagem com o chá. Métodos, enfim, não idênticos, mas semelhantes àqueles que se ouvem em grupos ayahuasqueiros. “Tudo isso a gente, de certa maneira, emprestou, trouxe, já de um conhecimento que não era nosso, [que] era uma coisa que já estava bem estabelecida.”

Rafael Guimarães dos Santos, da USP, ressalta que, ao longo dos 20 anos em que pesquisa ayahuasca, houve diversos cenários diferentes no trato com os grupos ayahuasqueiros. E, algumas vezes, sim, algumas pessoas de comunidades tradicionais olharam para as pesquisas com um pouco de desconfiança.

Parte disso, explica o professor, tem a ver com o recorte que a ciência necessariamente precisa fazer, o que pode ser visto como reducionismo pelos religiosos ou adeptos dos grupos neo-xamânicos. “A gente não tem como responder certas perguntas sem isolar algumas coisas”, diz Rafael.

“Então, por exemplo, nossos rituais...”, e ri da própria confusão. “Desculpa! Na verdade, o experimento não deixa de ser um ritual também. Mas, nos nossos *experimentos* aqui em Ribeirão Preto, a gente não coloca música de propósito, para poder um dia comparar com e sem música. Já em Natal, eles colocam música.”

O pessoal da ciência, avalia Rafael, por vezes pode demonstrar alguma resistência em considerar os pontos de vista das comunidades tradicionais. Aquilo que, de um lado, é efeito adverso num laboratório ou num hospital, de outro pode ser visto como elemento constituinte dalgum ritual, peça-chave nas interpretações religiosas ou xamânicas dos adeptos.

Isso porque, obviamente, num laboratório, a ayahuasca não pode ser considerada unicamente como substância sagrada. “A ayahuasca é uma preparação botânica feita com duas espécies botânicas descritas cientificamente, com análises químicas do que tem naquelas plantas, e a gente analisa do ponto de vista como uma droga experimental mesmo”, e é isso, em certo sentido, que dá legitimidade para o trabalho científico, avalia Rafael. “Se a gente começasse a incluir certos elementos mais rituais, espirituais na nossa prática, talvez a gente não fosse tão respeitado quanto é hoje.”

Para o grupo da UFRN, essa carga religiosa e ritualística da ayahuasca foi um dos grandes motivos na escolha pelo DMT puro, analisa Nicole. O chá que recebiam vinha de igreja ayahuasqueira, Dráulio já tinha relações com grupos desde sua época em Ribeirão Preto —mas nada disso impede que, no fundo, o tema ainda tenha suas arestas. “A gente, como

cientista, tem que se afastar da questão religiosa, porque a gente tem que trabalhar com os fatos” diz a cientista. É um ponto delicado.

Ainda há outra lógica em jogo nessa relação com os grupos tradicionais: a própria defesa de suas práticas e de sua ayahuasca. “Eu não posso pegar um elemento do Santo Daime, da União do Vegetal, da Barquinha e começar a aplicar no meu experimento, porque é como se fosse um *copyright* deles”, diz Rafael.

Para ter acesso à bebida, conta o professor da USP, o grupo de Ribeirão precisa preencher um documento que formaliza o recebimento do chá específico do grupo que, naquele momento, concordou em fornecer a ayahuasca; porque, no fim das contas, os pesquisadores estão “recebendo um tipo de conhecimento tradicional”.

Rafael enfatiza que, de acordo com a legislação vigente, não pode haver lucro na comercialização da ayahuasca e, se algum dia algum tipo de terapia sair dessas pesquisas acadêmicas com o chá, os frutos devem ser devidamente compartilhados com as comunidades tradicionais.

Paulo Morais lembra que há grande diversidade de ritos, fórmulas, crenças, e da própria confecção do chá. “Quando a gente fala de estudar ayahuasca, em respeito aos usos tradicionais, a gente tá falando de um produto que varia muito”. Não há como estipular uma receita polivalente para o chá que não encontre exceções. A mistura do cipó *Banisteriopsis caapi* com as folhas do arbusto *Psychotria viridis* até é um ponto comum nos usos das religiões ayahuasqueiras, mas a mistura exata e as formas de preparo podem variar.

“Existe uma discussão no campo científico do quanto dá para se estudar a ayahuasca sob os moldes biomédicos tradicionais”, explica Paulo. “A ayahuasca preparada pela União de Vegetal é uma ayahuasca diferente do Santo Daime”, exemplifica. “São as mesmas plantas, mas cresceram em lugares diferentes, já têm uma composição diferente. Tem toda uma variação botânica da composição e das ritualísticas.”⁴⁵

É uma multiplicidade de composições e rituais que também se reflete nas diferentes relações que esses grupos travam com os pesquisadores. Paulo conta que o trabalho que ora leva a cabo —a pesquisa com ayahuasca para diminuir o consumo de álcool— teve um germe anos antes, por volta de 2015. Era para ser seu projeto de doutorado.

Problemas de financiamento impediram que os planos fruíssem já naquela época. Mas, no vai e vem dos preparativos, entrou em contato com uma instituição no estado de São Paulo

⁴⁵ Lembro ainda que, quanto ao uso indígena, há ainda variedade maior, como explicam, *supra*, Dias e Monteles (2024).

que usava ayahuasca religiosamente. A ideia era que lhe fornecessem a beberagem para os estudos.

Ficaram muito interessados com os prospectos iniciais —“porque, afinal de contas, o que a gente estaria fazendo é algo que ia mostrar que o que eles usam tem um valor não só religioso, mas médico também. Estavam bastante empolgados”, conta o pesquisador e professor.

Durante o planejamento do experimento, brotou a ideia de usarem a ayahuasca liofilizada —ou seja, desidratada— em cápsula. Esse foi o limite para o grupo ayahuasqueiro. Para eles, a água necessariamente faz parte da bebida; administrá-la em cápsulas seria uma descaracterização com a qual eles não estariam confortáveis. O grupo se negou a fornecer a ayahuasca; Paulo precisou procurar a bebida com outras entidades. As diferentes concepções do chá estavam em jogo ali.

O que não significa que já não tenha havido contribuições, entendimento e ganhos mútuos, e, mais do que isso, interpretações dos dois mundos. A ayahuasca estudada nas universidades e centro de pesquisas, por exemplo, tem se mostrado uma substância segura, fato no qual os adeptos religiosos podem se apoiar para defenderem suas práticas.

Nicole lembra como, no experimento do grupo de Natal, não houve nenhum grave efeito colateral, intoxicação ou problemas cardiovasculares —pelo contrário, a ayahuasca demonstrou até alguns efeitos anti-inflamatórios. “Não só a gente, mas os estudos de maneira geral mostram que a ayahuasca é uma substância muito segura, os psicodélicos clássicos são muito seguros,” o que pode dar uma confiança e um conforto maior para quem queira participar do uso religioso e ritual.

O que, por outro lado, não significa dizer que todo contexto religioso seja seguro também, nem que toda pesquisa clínica esteja em padrões ideais nessa seara. Mas, com relação à substância, o consenso de anos —e isso acaba sendo reiterado por cada nova pesquisa— é que a ayahuasca está longe de se equiparar às “drogas de abuso”.

“A gente está dando ayahuasca para pessoas dentro de um hospital psiquiátrico, coisa que algum tempo atrás talvez fosse inaceitável entre psiquiatras, entre profissionais da psiquiatria”, diz Paulo. “Falar em oferecer um chá alucinógeno para tratar pessoas seria algo visto como loucura”, diz o professor da Universidade Federal de Rondônia. Hoje, ele conta, já há uma facilidade maior de aprovação de trabalhos do tipo em comitês de ética, o que demonstra certa redução no estigma antes sofrido pela substâncias e seus adeptos.

Esse respaldo nas pesquisas é algo procurado por algumas lideranças dos próprios grupos ayahuasqueiros. “Eu acho que as duas linhas [religiosa e científica] têm que continuar.

Eu acho que essa porta religiosa é importante, vai ter pessoas que vão se sentir mais à vontade, mais confiantes através realmente desse perfil de utilização da ayahuasca mais religioso, mas tem gente que não gosta, que não se sente bem, não se sente seguro”, diz Nicole. Para ela, as pesquisas podem abrir caminhos para usos em contextos não religiosos, mas sem negar ou substituir os grupos tradicionais.

Para Rafael, o saldo geral dessas relações com os grupos de uso tradicional tem sido positivo. “Na verdade, eu não estaria aqui se não fosse o uso tradicional, não teria conhecido a ayahuasca, pesquisado a ayahuasca, se não fossem os usos tradicionais”. Conta que, hoje, dá palestras em grupos de daimistas, ou da UDV, sem nenhum problema, e que mantém boas relações com líderes desses grupos.

Marcelo Mercante, por outro lado, já é alguém que habita os dois mundos mais diretamente. Suas experiências com a Barquinha tiveram idas e vindas: seu primeiro contato direto com o grupo, em 1999, foi tranquilo, mas os membros pareciam um poucos mais ressabiados quando Marcelo voltou em 2004 —ele diz que tiveram experiências ruins com um pesquisador que os havia visitado no meio tempo.

A aceitação total veio apenas com o tempo, depois de Marcelo se fardar (ou seja, vestir as roupas da religião, em sentido literal e figurado) e levar a esposa e o filho para a Barquinha. Ele defende que, para pesquisas como a dele, de observação antropológica que explora as mirações, é essencial que o pesquisador beba a ayahuasca.

“Se você nunca tomou, e você nunca teve uma dessas [visões], você não tem noção do que é isso. Como é que eu ia pesquisar sem saber?”, explica. “Mas isso não é condição *sine qua non*, isso não é condição essencial. Dá para fazer pesquisa, sim, sem beber”.

Idem para o fardamento. “Eu não estava na ilusão de que ia me facilitar nada, mas foi uma forma de estar mais perto”, o que lhe facilitou, inclusive, as entrevistas para as pesquisas que fazia. “Não me deu acesso a nenhum grande segredo, nada assim muito “ó, só os fardados sabem disso”, mas me deu muita noção de como a coisa funciona por dentro, como é que é a relação das pessoas”.

Agora, ainda uma figura-chave nesse esquema das pesquisas com ayahuasca precisa ter seu espaço aqui. Foi ele que forneceu a beberagem para o grupo da UFRN. Também foi um dos fornecedores para pesquisas da USP em Ribeirão Preto, e para o grupo de Paulo Morais, na Unifesp. É o grupo dele que tinha o projeto em Rondônia com a ACUDA, que realizava rituais rituais ayahuasqueiros com detentos, e que foi tema de estudo de Marcelo Mercante. Assim como Marcelo, ele comanda um centro da Barquinha —o *Centro de Regeneração Espiritual Casa de Jesus e Lar Frei Manuel*, em Ji-Paraná.

Edilsom Fernandes estudava física na Universidade Federal de Roraima (UNIR) no início dos anos 2000. Foi na UNIR, durante um desses eventos acadêmicos que congregam gente da mesma área —era uma “semana de física”—, que Edilsom conheceu Dráulio Araújo. Na época, Dráulio ainda não estudava ayahuasca, mas já mexia com neuroimagem, algo que incentivou a curiosidade de Edilsom. Já os interesses de Dráulio viajaram em sentido inverso, ao encontro de algo do mundo de Edilsom: o chá amazônico.

Edilsom, antes de conhecer a ayahuasca, já tinha uma história com o que podemos chamar de “mundo esotérico”. Seu pai era do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, uma sociedade com sede em São Paulo voltada ao estudo desses temas —e que acaba tendo, também, uma influência em alguns grupos ayahuasqueiros. Edilsom frequentava o círculo desde criança, e se filiou na década de 80. Também transitava em outras esferas desse mundo, como a Sociedade Rosacruz.

Foi uma viagem exatamente entre os anos de 1983 e 1984 que iria definir o curso futuro de sua vida. Nos anos 1980, Edilsom trabalhava como fuzileiro naval. Saiu do Rio de Janeiro, onde morava, em 31 de dezembro de 1983, para visitar os pais em Rondônia. Havia comprado terras, e estavam morando por lá. Chegou no dia 1º de janeiro de 1984, e se encantou pelo lugar.

Foi em Rondônia que conheceu um rapaz da UDV que lhe apresentou a ayahuasca. Edilsom começou a frequentar a religião. Conta que, nessa época, por causa da ayahuasca e desse envolvimento religioso, deixou de beber e fumar.

No dia 13 de junho de 1989, procurando novas formas de viver essa religião, entrou para a Barquinha do Mestre Daniel —mais especificamente, a linha de Manuel Hipólito de Araújo, o Mestre Manuel Araújo. A Barquinha lhe parecia uma junção de várias influências que ele já tinha: o Círculo Esotérico, a umbanda, o candomblé.

Já a física brotou em sua vida anos depois, mais ao acaso, pela falta de opção: queria se formar nalguma graduação, e esse era um dos únicos cursos da UNIR em Ji-Paraná, onde na altura já estava morando. Foi como aluno de física que esbarrou com Dráulio pouco depois da virada do milênio. Desistiu do curso logo depois do quarto período.

A relação entre os dois, conta Edilsom, se manteve na base de comunicações esporádicas até por volta de 2010. Naquela época, Edilsom já tinha o trabalho com a ACUDA e os apenados de Porto Velho. Foi nesse ano também que, um pouco contrariado com a

direção que seguia a matriz da linha da Barquinha do qual era parte, na capital de Rondônia, Edilsom resolveu romper formalmente os laços, e continuar com seu grupo em Ji-Paraná de forma independente. E, finalmente, foi nesse ano que ele e Dráulio retomaram contato de forma definitiva. O pesquisador já havia deixado Ribeirão Preto em direção a Natal; Edilsom passou a fornecer ayahuasca para as pesquisas da UFRN.

“Nós não somos uma religião somente. A gente é um caminho espiritual”, explica Edilsom, ao falar de sua relação com os grupos nas universidades. E, dentro desse caminho, ele vê importância nessa verve científica “porque, na grande maioria dos usuários da ayahuasca, das religiões ayahuasqueiras, a ayahuasca é tida como uma panaceia, a cura para todos os males”, até com certo fanatismo. “Eu já sou um pouco mais da ciência, do estudo, do comportamento. Eu considero a ayahuasca um instrumento. Ela não é a base da religião, ela é um dos alicerces”.

Ele caracteriza sua visão da ayahuasca como algo mais “ecumênico” do que a maior parte dos outros grupos religiosos ayahuasqueiros, mas, assim como eles, Edilsom tem uma preocupação com as formas de uso.

Nos centros, por exemplo, a cocção costuma ser custeada pelos próprios membros, e a ayahuasca, tida como algo que pode ser doado, mas não vendido. Edilson defende que o chá pode, sim, ter esse uso farmacológico; mas mantém um ponto de vista muito próximo dos de outros grupos ao defender o que chama de um “uso humanístico” do chá: a beberagem tem de ser doadas, e ele também não quer ver a indústria farmacêutica transformando aquilo num remédio, se isso acabar inviabilizando o uso para quem precisa.

“Eu acho que a ayahuasca é uma coisa sagrada. A natureza te dá, você tem que repor. Você tira o cipó, tira a folha, você tem que plantar, repor. Dar e tomar não é? Você recebe e dá também. Essa é a minha posição com relação à natureza”, explica.

Os laboratórios, de forma semelhante aos centros, têm suas despesas com as pesquisas. Edilsom acredita no financiamento público dessas pesquisas, por ver isso como um benefício para toda a sociedade; e, se algum uso da ayahuasca for aprovado, espera que ele esteja disponível de graça no SUS. “Até aí eu concordo plenamente e apoio essa ideia. O que eu não apoio é o fanatismo [de certos grupos religiosos]. Que a ayahuasca é sagrada e não pode ser tocada pelo homem comum, e que ela só faz benefício para quem está na religião”.

Diz que já foi criticado por certos religiosos do mundo da ayahuasca pelas suas posições. “Eu não acredito que [Mestre] Gabriel seja um Deus, nem é infinito; nem Irineu, nem Daniel. Nenhum desses mestres, para mim, representa deidades. Representam homens

extremamente humanos, como Jesus Cristo foi humanista”, diz, ao explicar sua posição dentro desse universo ayahuasqueiro. “Eu acredito na humanidade”.

O envolvimento de Edilsom nesse mundo dos estudos acadêmicos da ayahuasca o levou, inclusive, até a II Conferência Mundial da Ayahuasca (Iceers, na sigla em inglês), organizada em Rio Branco, no Acre, em 2016, pelo Centro Internacional para Educação, Pesquisa e Serviço em Etnobotânica. De certo forma, ele tem sido um personagem-chave do quebra cabeça das pesquisas com ayahuasca nas universidades brasileiras.

“Vivi numa ‘faculdade do interior’ lá da floresta. Convivia com meu pai, com meu avô, com meu tio. Eu via ele falando sobre como adquirir o conhecimento, e qual momento, qual período, usando o quê. Aí ele dizia que a ayahuasca era um dos instrumentos para adquirir conhecimento.”

Quem me contou isso foi Jaime Moura Fernandes-Diakara. Ele é antropólogo com mestrado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pertence à etnia Desana, que habita áreas do Amazonas e da Colômbia e fala uma língua da família tukano. É um grupo étnico que faz uso ritualístico da ayahuasca.

Como mencionado acima, os usos indígenas da ayahuasca—a maior parte, mais antiga do que os usos nas religiões—variam muito. Apesar de ser possível estabelecer alguns poucos pontos em comum, como citei no primeiro capítulo, a variação é tamanha que ultrapassa em muito qualquer pretensão minha neste trabalho. Nem mesmo a composição do que chamamos de “ayahuasca” é uniforme. A mistura nos usos indígenas nem sempre é com as folhas da *P. viridis*, por exemplo.

Mas Jaime talvez ajude a trazer uma última peça a esse mosaico da ayahuasca e seus pesquisadores que tento trazer aqui. Ele, assim como vários outros neste livro, é um pesquisador da ayahuasca —no caso, pela verve das ciências sociais. O que ele escreveu e tem a dizer sobre a beberagem talvez ajude a esclarecer um pouco sobre as particularidades do uso indígena dessa substância, e de sua relação com os outros usos.

Jaime escreveu sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) sobre a ayahuasca —ou, na forma como ele usa, o gaapi— a partir do uso dos Desana. Ele explica que, para os Desana, não é qualquer momento, ou qualquer cipó, que serve para a ayahuasca. Isso vai depender de fatores como o momento do ano e o tipo de conhecimento que se quer adquirir. O consumo ritual, aliás, se alia a danças específicas do

período, a grafismos e instrumentos apropriados —a própria cuia onde se armazena a bebida é específica e tem um significado ritual. Os Desana, de acordo com a explicação de Jaime, também não fervem a planta para fazer o chá —a bebida é batida e coada, processo que é acompanhado de um “ritual de benzimento” chamado de *bahsese*.

A ayahuasca também não é de uso generalizado, mas respeita certas práticas voltadas para a aquisição de conhecimento. Só certos membros tomam o *gaapi*, em momentos adequados e pré-definidos. É uma bebida associada a rituais de iniciação:

Durante a minha infância e juventude, quando vivia na aldeia, ouvi várias conversas que meu pai compartilhava com seu tio sobre o nascimento de Gaapi e sobre os kumuã, bayaroa e yaiwa (aqueles que exercem papéis específicos de conhecedor, mestre de cerimônia e xamanismo, respectivamente). Achava isso muito interessante. Nessas conversas, os dois lembravam: “Os kumuã, bayaro e yaiwa são pessoas que passaram por uma formação rígida. São sujeitos que fizeram abstinência de várias coisas, que realizaram o ritual de vômito, que beberam gaapi e foram coroados com wiõ; são pessoas que receberam o poder da cuia de kumuãse, da cuia de bayase e da de yayiase. Por causa disso, os nossos ancestrais nos ensinaram que gaapi constituem fontes de nossas vidas, fontes de nossos pensamentos e conhecimentos e, assim, representa a força espiritual do nosso corpo”.⁴⁶

O preparo, inclusive, é tido como essencial para se atingir os efeitos. Jaime explica que, ao menos para os Desana, é importante que você tenha em mente o que quer aprender com a ayahuasca ao tomá-la. “Não sei se tu já ouviu: ‘já tomei, mas para mim não aparece nada’. Porque ele não estava preparado. Porque a pessoa que vai adquirir também tem que estar preparada, tem que fazer jejum, tem que fazer esse resguardo, comer comida básica para poder adquirir conhecimento”, diz o antropólogo.

Em parte como resposta à conferência internacional do Iceers de 2016, alguns indígenas de etnias que usam a ayahuasca se reuniram em 2017 para o que ficou conhecido como a “Conferência Indígena da Ayahuasca”. O evento se repetiu em 2018, 2019 e 2022. Neles, não-indígenas até podem ser convidados para acompanhar, mas a presença indígena é a que toma o palco, discutindo o significado da substância e modos de protegê-la.

Já na carta publicado ao final da primeira conferência, elencam, à guisa de “reflexão/problema”, que:

⁴⁶ FERNANDES, Jaime Moura. **Gaapi**: Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 83 pp., 2018.

Pesquisadores que estudam a ayahuasca e demais medicinas tradicionais não são comprometidos com os interesses do movimento indígena. Eles têm legitimidade para falar no âmbito acadêmico, mas sobre espiritualidade são os povos indígenas os verdadeiros conhecedores e estes devem ser os protagonistas.⁴⁷

Reivindicam protagonismo também nas formas de manter o conhecimento da ayahuasca vivo, o que se imiscui às estratégias de preservação de outras plantas medicinais de uso indígena e, de forma mais geral, das próprias formas de vida deles. Listam, também na primeira carta, sob a rubrica “Encaminhamentos/Sugestões/Orientações”:

Criar estratégias, pelos próprios povos, relacionadas ao manejo, cultivo, intercâmbio e conservação das plantas medicinais, integrados aos sistemas agroflorestais, destacando a importância da valorização e proteção dos conhecimentos ancestrais.⁴⁸

Já no campo da ciência acadêmica, Luiz Felipe Valêncio, o biólogo que trabalha com bioética dentro dos grupos, diz que essa a literatura da década passada tentava muito desmistificar a ayahuasca, reduzindo-a aos seus componentes, suas moléculas, seus mecanismos de ação. Isso, de certa forma, diminuiu um pouco do estigma sobre a bebida —ela passa a ser mais naturalizada, porque explicada. Mas essa forma de explicar também periga reduzir a ayahuasca, extirpando-a de sua base cultural.

“Tem questões de poder aí que estão sendo mais tensionadas agora. A partir do momento em que a gente usa só essa forma de conhecer ou essa forma de construir linguagem, acadêmica e tal, nesse molde nosso, e isso produz uma legitimação social, a gente precisa olhar também para questões raciais, interseccionais que estão nessa produção de ciência, na saúde”, diz o pesquisador.

Jaime, na mesma toada, fala em “socialização cultural”. Ele diz que mesmo indígenas em aldeias podem ter preconceito com indígenas que fazem ritual de ayahuasca nas cidades. “Se eu estou fazendo ritual aqui na cidade, ele não vai dizer que eu tô certo, ele não vai reconhecer quem era o meu pai”, lembra o antropólogo. “Por isso que a gente tem que ter esse cuidado de dialogar com outros usuários da ayahuasca usando a palavra de socialização cultural”. Não é uma questão de essencialismo, mas de entender a ayahuasca em sua diversidade.

A questão clínica, tecnológica, é importante, mas não se pode deixar que ela solipse outras questões, diz Luiz Felipe. “Porque é o que vai acontecendo dentro da construção do hype, da dinâmica de funcionamento de regulação, de produção, circulação, distribuição, ofertas de clínicas, de cursos de formação”, diz o biólogo, para quem as questões indígenas,

⁴⁷ Carta da 1ª Yabuka Hayrá - Conferência Indígena da Ayahuasca. Dezembro de 2017.

⁴⁸ Idem.

de demarcação de terra e Justiça, devem andar juntas das nossas discussões sobre a ayahuasca.

Já na carta da 4^a Conferência Indígena da Ayahuasca, por exemplo, os participantes conclamam: “o reconhecimento e respeito de todos os nossos territórios: físicos, materiais e imateriais, a demarcação das terras indígenas e o respeito aos saberes que as sustentam”.⁴⁹ São questões que andam juntas, se relacionam.

“Como é que a gente vai continuar discutindo, como é que nós vamos tratar as nossas mazelas, as nossas questões contemporâneas, enquanto está em curso esse massacre, esse etnocídio?”, se pergunta Luiz Felipe. O biólogo vê o meio ayahuasqueiro acadêmico lentamente se abrindo para essas discussões, essa presença. Mas ainda há uma caminhada pela frente.

A 5^a Conferência Indígena da Ayahuasca, enquanto redijo este livro, está marcada. Deve acontecer em janeiro de 2025.

⁴⁹ Carta da IV Conferência Indígena da Ayahuasca. Setembro de 2022.

Conclusão: Catalização

É difícil incluir a ayahuasca em qualquer tratamento padronizado.

Já comentei acima sobre alguns aspectos dessa dificuldade, principalmente com relação aos efeitos gastrointestinais do chá.

Há a óbvia questão, também, de que nenhum tipo de tratamento foi exaustivamente testado. A soma dos esforços dos pesquisadores da área, como espero ter demonstrado acima, pode indicar alguns caminhos, mas não há ainda comprovação de que a ayahuasca sirva de “remédio” para algo —ao menos não em nossas acepções médicas e farmacológicas.

As pesquisas com ayahuasca continuam —e, claro, não precisam necessariamente resultar necessariamente em algum “remédio” para fazer sentido. Grupos como o da UFRN têm um foco mais estrito nos fármacos e no desenvolvimento de tratamentos —daí o trabalho com a DMT—, mas, como espero ter mostrado, essa não é a única maneira de fazer ciência com a ayahuasca, e com psicodélicos em geral. A ciência da área já faz sentido como simples exploração das características do chá e das plantas que o compõem.

Rafael Guimarães, da USP, ao me contar sobre possibilidades de futuro, me disse que ainda se mantém um pouco cético sobre o uso da DMT pura. O efeito dela, quando vaporizada ou intravenosa, é muito rápido (às vezes, podem sumir em um dia), o que pode demandar várias aplicações para um resultado relevante. A ayahuasca, por outro lado, provoca efeitos que podem durar semanas.

“Não sei o que que vai acontecer. Se a ayahuasca vai ser incorporada pelo Sistema Único de Saúde como planta medicinal, quem vai dar a ayahuasca, vão ser os xamãs, vão ser os psiquiatras”, pondera o pesquisador.

Como exemplo dos problemas advindos dessa curta duração, ele cita o caso da cetamina intranasal da Janssen, o Spravato, que, aprovada para uso pela Anvisa, pode ser enquadrada no balão dos psicodélicos.

“A gente sabe de psiquiatras que estão usando às vezes muitas doses na mesma semana, e por muitas semanas em alguns casos”. A repetição do uso pode vir com alguns riscos, como a dependência, ou o dano em alguns órgãos, como a bexiga.

Ele não é avesso às pesquisas com as substâncias puras, mas ainda aposta nos ensinamentos que podemos tirar da ayahuasca. “A minha preocupação com essas formulações de efeito mais rápido é essa: será que é o melhor caminho, será que a pessoa não vai ter que ficar usando um monte de vezes para chegar no resultado que, de repente, com a ayahuasca,

com a psilocibina, não tem que usar tantas vezes?”. São questões ainda em aberto, e seria um pouco precipitado dar qualquer veredito agora.

Espero ter demonstrado, por fim, um pouco dos modelos de trabalho dessas pesquisas, como na descrição do experimento de Paulo Morais. Espero que a parte mais puramente “jornalismo científico” deste livro permita ao leitor ter uma visão, mesmo que rápida, das estratégias e desenhos de pesquisas com psicodélicos que se fazem no Brasil. Acredito, também, que conseguir mostrar, ao menos de relance, a multiplicidade de tipos de pesquisas que podem ser e são feitos com ayahuasca no Brasil —incluindo aquelas das ciências humanas, notadamente na antropologia. Creio que um entendimento mais apurado desses processos de “cura” do chá só podem ser plenamente entendidos se o observarmos também por meio dessas lentes multidisciplinares.

Gostaria de ter conseguido conversar também com alguns voluntários das pesquisas que relatei. Mas, devido a limites temporais e, principalmente, a dificuldades inerentes de acesso a pessoas que se voluntariam nessas pesquisas (como, por exemplo, o fato de que a própria investigação jornalística, em certos casos, poderia interferir nos experimentos), não consegui seguir por esse caminho. Espero que as empreitadas por outras veredas, como os relatos de frequentadores de grupos ayahuasqueiros, tenham podido, ao menos em parte, suprir essa deficiência de relatos em primeira mão.

Agora, sobre a parte que explora conexões culturais e sociais, gostaria de ter me aprofundado mais nas relações entre os grupos religiosos e as pesquisas. Edilsom Fernandes e Marcelo Mercante são dois dirigentes de ramos da Barquinha que, como espero ter conseguido mostrar acima, mantêm ou mantiveram relações com o mundo acadêmico de diferentes formas —inclusive, no caso do segundo, tendo produzido material sobre ayahuasca no campo das ciências sociais. É claro, entretanto, que minhas conversas com os dois não esgotam a visão que as várias Barquinhas e seus frequentadores têm das pesquisas com ayahuasca.

Entre os caminhos que tentei trilhar durante a pesquisa e confecção do livro, entrei em contato com a UDV por meio de sua “comunicação externa”. A igreja mantém um Departamento Médico-Científico”, focado em estudos sobre a ayahuasca (que chama, internamente, de “hoasca”). Não são, portanto, refratários aos estudos na área (pelo menos, não a todos). Pedi uma entrevista com alguém de lá que poderia me explicar um pouco melhor em primeira mão essa visão da UDV, e um pouco dos trabalhos que fazem nesse departamento. A instituição preferiu não se pronunciar.

Por outro lado, creio ter conseguido, ao menos em parte, elucidar um pouco da minha questão inicial —quais as relações desses pesquisadores acadêmicos com a ayahuasca, e quais as suas histórias de pesquisa —de uma forma que eu não imaginava no início.

O que me impressionou, e que, talvez, seja o ponto fulcral deste livro, é como as histórias pessoais com a ayahuasca aparecem como definidoras de trajetos de pesquisas —o tema guia a vida acadêmica da maior parte dos entrevistados justamente porque tiveram experiências com a beberagem antes mesmo de passar a estudá-la. Há exceções que, talvez, sejam interessantes justamente em sua particularidade —Fernanda e Nathália. Eu já esperava que o chá tivesse uma presença na vida de alguns pesquisadores para além de objeto de estudo, mas não nesse nível. Assim, creio ter conseguido, ao menos em parte, o que Cremilda Medina designa como um “perfil humanizado”⁵⁰

Os estudos sobre o chá também me mostraram essa possibilidade de aproximação e/ou uma consideração do mundo acadêmico aos saberes tradicionais. É um processo que ainda não foi completamente realizado, mas que já deu alguns frutos, como podemos ver no trabalho de Jaime. E parece ser uma preocupação (no sentido positivo) de muitos outros pesquisadores. É a ideia dum intercâmbio cultural se instalando nos interstícios da academia.

Acima de tudo, espero ter mostrado algumas histórias de como a ayahuasca pode mudar alguns caminhos —não apenas pelos seus *insights*, mas pela sua própria existência no mundo. Ela permitiu com que Marcelo fosse da biologia à antropologia, depois desta para a religião; ajudou Daniel a decidir se tornar músico; foi uma das responsáveis por uma guinada na carreira de Fernanda dos estudos com ressonância magnética para todo um mundo da pesquisa na área da saúde.

Emprestando, pela última vez neste livro, um termo da ciência: a ayahuasca foi um catalisador.

⁵⁰ MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.

]**Bibliografia**

BARRETT, FS; JOHNSON, MW; GRIFFITHS, RR. *Validation of the revised Mystical Experience Questionnaire in experimental sessions with psilocybin*. **Journal of Psychopharmacology**. 2015;29(11):1182-1190.

BRASIL. Lei nº 11.343 de 23 de agosto de 2006. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 24 de agosto de 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde - Anvisa. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 13 de maio de 1998.

BRASIL. Gabinete de Segurança Institucional - Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas. Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, nº 17, 26 de janeiro de 2010.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAREZZATO, Fabio. *O uso da ayahuasca no cuidado de pessoas com uso problemático de drogas*. In: MAIA, Lucas de Oliveira; DIAS, Camila; VALÊNCIO, Luis Felipe; TÓFOLI, Luís Fernando (org.). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Ed. da Unicamp: Campinas, 2024, pp. 113-123.

DA SILVA, FS; SILVA EAS; SOUZA, Jr. GM; MAIA-DE-OLIVEIRA, JP; SOARES-RACHETTI, VP; DE ARAÚJO, DB; et al. *Acute effects of ayahuasca in a juvenile non-human primate model of depression*. **Brazilian Journal of Psychiatry**. 2019;41:280-288.

de Meiroz Grilo MLP, Sousa GM, Mendonça LAC, Lobão-Soares B, Sousa MBC, Palhano-Fontes F, Araujo DB, Perkins D, Hallak JEC and Galvão-Coelho NL (2022). *Prophylactic action of ayahuasca in a non-human primate model of depressive-like behavior*. **Front. Behav. Neurosci.** 16:901425.

DIAS, Camila; MONTELES, Ricardo. *Aspectos botânicos e ecológicos da ayahuasca*. In: In: MAIA, Lucas de Oliveira; DIAS, Camila; VALÊNCIO, Luis Felipe; TÓFOLI, Luís Fernando (org.). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Ed. da Unicamp: Campinas, 2024.

FERNANDES, Jaime Moura. **Gaapi**: Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 83 pp., 2018.

GOMES, Bruno Ramos. *O sentido do uso ritual da ayahuasca em trabalho voltado ao tratamento e recuperação da população em situação de rua em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GOULART, Sandra Lucia. *As religiões ayahuasqueiras brasileiras e o cenário contemporâneo transnacional da ayahuasca: panorama histórico e atualizações*. In: MAIA, Lucas de Oliveira; DIAS, Camila; VALÊNCIO, Luis Felipe; TÓFOLI, Luís Fernando (org.). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Ed. da Unicamp: Campinas, 2024.

Johnson MW, Garcia-Romeu A, Cosimano MP, Griffiths RR. *Pilot study of the 5-HT2AR agonist psilocybin in the treatment of tobacco addiction*. **J Psychopharmacol**. 2014 Nov; 28(11):983-92.

LABATE, Beatriz Caiuby. *A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Mercado de Letras: Campinas, 2004.

LEITE, Marcelo. **Psiconautas: viagens com a ciência psicodélica brasileira**. São Paulo: Fósforo, 2021.

—. UFRN recupera jurema em artigo sobre uso seguro de DMT inalada. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 28 dez. 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/virada-psicodelica/2023/12/ufrn-recupera-jurema-em-artigo-sobre-uso-seguro-de-dmt-inalada.shtml>

—. Repórter conta experiência de inalar DMT, psicodélico em teste contra depressão. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 22 jul. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/07/reporter-conta-experiencia-de-inalar-dmt-psicodelico-em-teste-contra-depressao.shtml>.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo para um Novo Tempo: O legado da teoria geral dos sistemas**. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2021.

LUZ, Pedro. *O uso ameríndio do caapi*. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Mercado de Letras: Campinas, 2004. p. 62.

MACRAE, Edward. *The ritual use of ayahuasca by three Brazilian religions*. In: COOMBER, Ross e SOUTH, Nigel. **Drug Use and Cultural Contexts “Beyond the West”**. Londres: Free Association Books, 2004, pp. 27-45.

Marcelo Falchi-Carvalho, Isabel Wießner, Sérgio Ruschi B. Silva, Lucas O. Maia, Handersson Barros, Sophie Laborde, Flávia Arichelle, Sam Tullman, Natan Silva-Costa, Aline Assunção, Raissa Almeida, Érica J. Pantrigo, Raynara Bolcont, José Victor Costa-Macedo, Emerson Arcoverde, Nicole Galvão-Coelho, Draulio B. Araujo, Fernanda Palhano-Fontes. *Safety and tolerability of inhaled N,N-Dimethyltryptamine (BMND01 candidate): A phase I clinical trial*. **European Neuropsychopharmacology**, Volume 80, 2024, pp. 27-35.

Marcelo Falchi-Carvalho, Handersson Barros, Raynara Bolcont, Sophie Laborde, Isabel Wießner, Sérgio Ruschi B. Silva, Daniel Montanini, David C. Barbosa, Ewerton Teixeira, Rodrigo Florence-Vilela, Raissa Almeida, Rosana K. A. de Macedo, Flávia Arichelle, Érica J. Pantrigo, José V. Costa-Macedo, Emerson Arcoverde, Nicole Galvão-Coelho, Draulio B. Araujo, e Fernanda Palhano-Fontes. *The Antidepressant Effects of Vaporized N,N-Dimethyltryptamine: An Open-Label Pilot Trial in Treatment-Resistant Depression. Psychedelic Medicine*, Volume 00, Number 00, 2024.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.

MERCANTE, Marcelo S. *Reflexos: Ayahuasca, espiritualidade, imaginação e dependência.* Salvador: Edufba, 2021.

OSÓRIO, Flavia de L.; SANCHES, Rafael F.; MACEDO, Ligia R.; SANTOS, Rafael G. dos; MAIA-DE-OLIVEIRA, João P., WICHERT-ANA, Lauro; ARAÚJO, Draulio B. de; RIBA, Jordi; CRIPPA, José A.; HALLAK, Jaime E. *Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report.* **Revista Brasileira de Psiquiatria.** 2015, vol. 37, pp. 13–20.

PALHANO-FONTES, Fernanda. **Alterações da default mode network provocadas pela ingestão de Ayahuasca investigadas por Ressonância Magnética Funcional.** Dissertação (Mestrado em Neurociências). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 99 pp., 2012.

PALHANO-FONTES, Fernanda; ANDRADE, Katia C. ; TOFOLI, Luis F. ; SANTOS, Antonio C. ; CRIPPA, José Alexandre S.; HALLAK, Jaime E. C. ; RIBEIRO, Sidarta ; DE ARAÚJO, Dráulio B. *The Psychedelic State Induced by Ayahuasca Modulates the Activity and Connectivity of the Default Mode Network.* **Plos One**, v. 10, p. e0118143, 2015.

SANTOS. Rafael Guimarães dos. *AYAHUASCA: neuroquímica e farmacologia.* **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.) v.3 n° 1: Ribeirão Preto, fev. 2007.

Rodrigues, Lucas Silva BSc; Reis, José Augusto Silva MD; Rossi, Giordano Novak MSc; Guerra, Lorena T. L. MSc; Maekawa, Renan Massanobu MD; de Lima Osório, Flávia PhD; Bouso, José Carlos PhD; Santos, Fabiana Pereira MSc; Paranhos, Beatriz Aparecida Passos Bismara MSc; Yonamine, Mauricio PhD; Hallak, Jaime Eduardo Cecilio PhD; dos Santos, Rafael Guimarães PhD. **Effects of a Single Dose of Ayahuasca in College Students With Harmful Alcohol Use: A Single-blind, Feasibility, Proof-of-Concept Trial.** *Journal of Clinical Psychopharmacology* 44(4):p 402-406, 7/8 2024.

Rueda Carrillo L, Garcia K, Yalcin N, et al. *Ketamine and Its Emergence in the Field of Neurology.* **Cureus** 14(7), julho de 2022.